



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RAFAELA APARECIDA GOMES

ERA UMA VEZ... A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
LEVANTAMENTO DA LITERATURA

João Pessoa

2021

RAFAELA APARECIDA GOMES

ERA UMA VEZ... A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação de Psicologia da Universidade Federal
da Paraíba como requisito para a obtenção do título
de Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabíola de Sousa Braz
Aquino.

João Pessoa

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633e Gomes, Rafaela Aparecida.

Era uma vez... a importância dos contos na educação infantil: um levantamento da literatura / Rafaela Aparecida Gomes. - João Pessoa, 2021.
105 f. : il.

Orientação: Fabíola de Sousa Braz Aquino.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Contos infantis. 2. Educação infantil. 3. Desenvolvimento. 4. Arte. 5. Psicologia histórico-cultural. I. Aquino, Fabíola de Sousa Braz. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 373.2:82-34

**ERA UMA VEZ... A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA**

Rafaela Aparecida Gomes

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Fabíola de Sousa Braz Aquino
(Orientadora)

Prof^a Dr^a Nádia Maria Ribeiro Salomão
(Membro Interno)

Prof^a Dr^a Vera Lucia Trevisan de Souza
(Membro Externo)

“Toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos”

Kandinsky (1996)

ERA UMA VEZ... A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Rafaela Aparecida Gomes
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Fabíola de Sousa Braz Aquino
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

RESUMO: O desenvolvimento é um processo organizado temporalmente de modo complexo e, a cada degrau, surgem novas características especificamente humanas, dentre estas, podemos citar a imaginação. Essa função psicológica superior, segundo L. S. Vigotski, é a base da atividade criadora, e se manifesta nos anos iniciais do desenvolvimento da criança. A imaginação proporciona, através de elementos oriundos da realidade, a reelaboração criativa das vivências, que só é possível por meio do acúmulo de experiências qualitativamente significativas. Vigotski defende a arte como uma das formas de acessar a experiência acumulada pela humanidade historicamente, e destaca a importância da presença das mais diversas manifestações artísticas durante o processo de desenvolvimento da criança. Ao ampliar suas experiências, estabelecemos uma base sólida para sua atividade criadora, e como possibilidade para esta ampliação, destaca-se o contato da criança com as mais diversas manifestações artísticas, tais como os contos infantis, que são considerados um produto cultural da humanidade. Para o autor, os contos devem ser inseridos desde a formação inicial da criança, ou seja, na Educação Infantil. Assim sendo, este trabalho se caracteriza como um estudo teórico, fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural, mais especificamente nos pressupostos de L. S. Vigotski e de autores contemporâneos. Busca-se investigar, através de um levantamento bibliográfico em bases de dados científicas nacionais, se e como os Contos Infantis estão sendo utilizados para a promoção do desenvolvimento na Educação Infantil. Para isso, foram analisadas produções científicas dos últimos dez anos, com o objetivo de identificar os estudos que abrangessem utilização de contos infantis na promoção do desenvolvimento. Os resultados do levantamento realizado nestas bases de dados permitiram concluir que os contos estão sendo utilizados em práticas pedagógicas na educação infantil, contudo, percebeu-se que a formação dos atores escolares que utilizam esses recursos artísticos em suas práticas necessita de um contínuo aprofundamento teórico-metodológico. Os contos se mostraram um importante instrumento promotor de desenvolvimento de processos psicológicos, desde que utilizados em práticas intencionais, planejadas de forma a conhecer o contexto em que serão trabalhados, os recursos disponíveis na instituição, como e por que serão utilizados. Os achados indicaram a possibilidade de utilizar outros recursos simultaneamente à contação, além da necessidade de resgatar outras versões ou histórias diferentes dos contos tradicionais. Além do seu papel no desenvolvimento infantil, os contos podem ser um poderoso instrumento para as intervenções com educadores e para a promoção do desenvolvimento humano adulto.

Palavras-chave: Contos Infantis; Educação Infantil; Desenvolvimento; Arte; Psicologia Histórico-Cultural.

ONCE UPON A TIME... THE IMPORTANCE OF TALES IN EARLY CHILDHOOD

EDUCATION: A LITERATURE SURVEY

Rafaela Aparecida Gomes
Federal University of Paraiba, João Pessoa, PB, Brazil

Fabíola de Sousa Braz Aquino
Federal University of Paraiba, João Pessoa, PB, Brazil

ABSTRACT: Development is a process temporally organized in a complex way and, at each step, new specifically human characteristics emerge, among these, we can quote the imagination. This superior psychological function, according to L. S. Vygotsky, is the basis of creative activity, and manifests itself in the early years of child development. The imagination provides, through elements from reality, the creative re-elaboration of experiences, that is only possible through the accumulation of qualitatively significant experiences. Vygotsky defends art as one of the ways to access the experience accumulated by humanity historically, and highlights the importance of the presence of the most diverse artistic manifestations during the child's development process. By expanding your experiences, we have laid a solid foundation for your creative activity, and as a possibility for this expansion, the child's contact with the most diverse artistic manifestations stands out, such as children's tales, which are considered a cultural product of humanity. To the author, the tales must be inserted from the child's initial formation, that is, in Early Childhood Education. Consequently, this work is characterized as a theoretical study, based on Historical-Cultural Psychology, more specifically on the assumptions of L. S. Vygotsky and contemporary authors. Seeks to investigate, through a bibliographic survey in national scientific databases, if and how Children's Tales are being used to promote development in Early Childhood Education. For that, scientific productions of the last ten years were analyzed, with the aim of identifying studies that encompassed the use of children's tales in promoting development. The results of the survey carried out in these databases allowed us to conclude that the short stories are being used in pedagogical practices in early childhood education, however, it was noticed that the training of school actors who use these artistic resources in their practices needs a continuous theoretical-methodological deepening. The short stories proved to be an important tool to promote the development of psychological processes, as long as used in intentional practices, planned in order to know the context in which they will be worked, the resources available in the institution, the resources available at the institution, how and why they will be used. The findings indicated the possibility of using other resources simultaneously with counting, in addition to the need to rescue other versions or stories different from traditional tales. In addition to its role in child development, short stories can be a powerful instrument for interventions with educators and for the promotion of adult human development.

Keywords: Children's Tales; Child Education; Development; Art; Historical-Cultural Psychology.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A psicologia histórico-cultural de vigotski: a arte e o desenvolvimento humano.....	15
CAPÍTULO II: A arte na educação infantil: o uso de contos para a promoção do desenvolvimento	24
MÉTODO	33
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS	67
ANEXO I - Livreto.....	68

Lista de Tabelas

Tabela 1: Publicações que fazem referência ao Contos na Educação Infantil.....	36
--	----

Lista de Figuras

Figura 1: Data das Publicações	37
Figura 2: Região das Publicações	38

INTRODUÇÃO

*“Era uma vez,
quando os bosques ainda jovens
serviam de casa para criaturas
cheias de magia e encanto...”*

O Labirinto do Fauno
Guillermo del Toro e Cornelia Funke (2019, p. 91)

A famosa frase *Era uma vez* costuma ser a porta de entrada para o mundo fantástico dos contos infantis, onde a realidade e a fantasia se fundem e dão origem a elementos mágicos, como dragões, fadas, bruxas, animais que falam, casas de doces e princesas enfeitiçadas. Em alguns contos, essa frase inicial aparece um pouco modificada, como em “*Há muito tempo atrás*”, ou em “*Certo dia, em um reino muito distante...*”, mas a ideia de ser uma história antiga, sem tempo definido e em um lugar desconhecido permanece.

Difícilmente você ouvirá um “Era uma vez...” e não se lembrará da história da menina que levava doces para a avó, ou do menino que espalhou migalhas de pão pela floresta para achar o caminho de volta para casa. O propósito desta primeira frase nos contos é justamente esse: apresentar ao leitor/ouvinte o início de uma jornada empreendida pelos personagens, que se desenvolverá em um mundo mágico e misterioso, e que em algum momento chegará ao fim. Como também, convidar o leitor a acessar o universo da imaginação, e situa-lo em um tempo e um espaço para além de sua realidade concreta.

Assim como nos contos, para se chegar ao tema que foi abordado neste trabalho, foi necessária uma trajetória empreendida pela autora durante a graduação, embora neste caso se trate de uma história real, que favoreceu um maior entendimento acerca da relação entre arte e desenvolvimento humano, construída através do engajamento em projetos de ensino, pesquisa e extensão, voltados para os campos da Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Acrescenta-se que o interesse de inserção nesses projetos ocorreu mediante a realização de leituras referentes às possibilidades de atuação do psicólogo escolar enquanto agente promotor de desenvolvimento (Galdini & Aguiar, 2003; Neves, 2011; Marinho-Araújo, 2014; Guzzo, Moreira & Mezzalira, 2016).

Essa aproximação com parte do referencial teórico da área fomentou o desejo de conhecer mais a fundo a Psicologia Escolar, levando ao ingresso no Núcleo de Estudos em Interação Social e Desenvolvimento Infantil (NEISDI-UEPB), proporcionando leituras referentes ao desenvolvimento infantil em uma perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1933;1934/2018a; Braz-Aquino, Nascimento, Almeida & Alexandrino, 2018; Vicente, Silva & Braz-Aquino, 2020). Atrelado a isso, a experiência de Iniciação à Docência possibilitou o contato com uma metodologia de ensino que utilizava elementos estéticos como mediadores do processo de ensino-aprendizagem (Souza, 2016; Andrada, Petroni, Jesus & Souza, 2018). Menciona-se ainda que a experiência com o uso de elementos estéticos se ampliou através da inserção no *Curso de Extensão intitulado Formação Continuada de Psicólogas(os) Escolares a partir de sua atuação em contextos públicos de educação*, com a utilização de vídeos, músicas, imagens projetadas em slides, uso de massa de biscoito e post-its e construção de uma linha do tempo em formato de pergaminho. Além disso, a participação no curso possibilitou o aprofundamento teórico-metodológico do campo da Psicologia Escolar por meio das leituras de referências contemporâneas (Braz-Aquino, Bezerra, Vicente, Nascimento & Silva, 2018; Andrada, Dugnani, Petroni e Souza, 2019; Cavalcante & Marinho-Araújo, 2020).

Esse percurso constitui parte de um processo de desenvolvimento no qual as experiências permitiram o aprendizado que se forjou em um processo histórico-dialético, marcado por crises, rupturas e transições, em um movimento constante que favorece o surgimento do novo, ou seja, novas qualidades, especificidades, traços e formações específicas do homem (Vigotski, 2018a). Portanto, para o presente trabalho, será utilizado como

referencial a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, tomando como base as obras: *Psicologia da Arte* (1925/1999a); *Psicologia Pedagógica* (1926/2010); *Imaginação e criação na infância* (1930/2018b). Além dessas obras, considerou-se importante realizar um levantamento para verificar de que maneira a arte e o desenvolvimento humano comparecem em pesquisas contemporâneas.

Cabe mencionar que no início deste trabalho houve um redirecionamento do projeto em decorrência da atual conjuntura pandêmica causada pelo COVID-19. A proposta inicial seria realizar uma pesquisa-intervenção em contexto de educação infantil, com a observação e participação da pesquisadora em uma situação de leitura de Contos Infantis (um clássico e um contemporâneo) para as crianças. Pretendia-se, a partir dessas observações, propor conversas com as educadoras sobre a potência desse recurso estético para o desenvolvimento de funções psíquicas superiores, a produção de sentidos e significados sobre essa experiência em sua prática docente, nas relações estabelecidas com as crianças, bem como compreender suas concepções acerca do desenvolvimento infantil e do uso de Contos no contexto da educação infantil. A partir da impossibilidade em realizá-lo desta forma, optou-se por aprofundar o conhecimento sobre essa temática por meio da realização de uma pesquisa bibliográfica referente ao uso dos Contos Infantis na prática de professoras de educação infantil, com foco no papel mediador desse recurso para profissionais da educação infantil, aqui destacando a professora e a(o) psicóloga(o) escolar.

A fundamentação teórica aqui apresentada foi dividida em dois capítulos: o primeiro abordará a relação entre arte e desenvolvimento humano, a partir dos escritos de Vigotski e de autores contemporâneos da Psicologia Histórico-Cultural, e um primeiro levantamento da literatura sobre o tema. O segundo capítulo versa sobre as especificidades da educação infantil, o papel dos contos na promoção de desenvolvimento neste contexto, e se há relatos de práticas

do psicólogo escolar, utilizando manifestações artísticas, tais como os contos. Buscou-se responder a essas questões por meio de um levantamento da literatura sobre o tema.

Para contemplar o objetivo deste trabalho, que é investigar se e como os Contos Infantis estão sendo utilizados para a promoção do desenvolvimento na Educação Infantil, foi realizado um terceiro levantamento em bases de dados científicas nacionais, que será analisado e discutido também a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Do exposto, afirma-se nesse estudo que o desenvolvimento da imaginação ocorre desde os primeiros anos de vida, e que a Educação Infantil pode favorecer a ampliação de experiências das crianças com a arte, pela mediação dos educadores de experiências infantis com recursos artísticos.

CAPÍTULO I

A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI: A ARTE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

*“-Então eu vou soprar, e soprar, e soprar até
derrubar sua casa”*

Joseph Jacobs (1892)

De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural proposta por Lev Semionovitch Vigotski (1928; 1934/2001; 1984/2007), o processo de desenvolvimento é resultado de uma interação dialética entre o indivíduo e o contexto social e cultural em que está inserido. Para o autor, a relação do homem com esse contexto e com as demais pessoas de seu meio cultural ocorre através do processo de mediação, onde um elemento intermediário passa a compor uma relação que antes era direta (Oliveira, 2005). Estes elementos intermediários, denominados como instrumentos e signos, possuem a função de auxiliar a atividade humana, proporcionando ao funcionamento psíquico formações qualitativamente novas, vindo a ser um meio de autorregulação do sujeito sobre o próprio comportamento (Friedrich, 2011).

Para Vigotski (2018a), o sujeito em desenvolvimento não deve ser reduzido a um produto passivo do meio externo, tampouco se deve considerar que ele já nasça com as funções psíquicas tipicamente humanas desenvolvidas, pois estas duas noções negam, por si só, o desenvolvimento. Deste modo, as características tipicamente humanas, tais como os comportamentos de caráter voluntário e intencional, as funções cognitivas e comunicativas da linguagem, se constituem nos sujeitos através da mediação de instrumentos e signos

construídos historicamente (Rego, 2013). Assim, é importante compreendermos como se originam essas características.

No desenvolvimento caracterizado por Vigotski (1928/2021a), podem-se distinguir duas linhas qualitativamente diferentes: a linha do desenvolvimento natural, de origem biológica, onde podem se localizar os processos psicológicos elementares; e a linha do desenvolvimento cultural, por meio da qual se desenvolvem as funções psicológicas superiores. Tanto os processos psicológicos elementares, quanto os superiores estão submetidos à lei geral do desenvolvimento, e se originam de um processo dialético que se dá ao longo do desenvolvimento psicológico (Vigotski, 2007). Segundo essa lei, o desenvolvimento é um processo histórico complexo, com começo, com etapas temporais em seu curso e um fim, porém, o ritmo de desenvolvimento dessas etapas não corresponde ao tempo cronológico, e sim ao nível de desenvolvimento que a criança realmente atingiu em determinado intervalo de tempo (Vigotski, 2018a).

Vigotski (1982/1999b) denomina de sistema psicológico as complexas formas de atividade presentes na estrutura psíquica, onde as funções psicológicas superiores se conectam e criam relações interfuncionais. Nesse sentido, a cada nova etapa do desenvolvimento altera-se a correlação e o interfuncionamento entre as funções, modificando qualitativamente a própria estrutura do organismo e o modo como essas funções se manifestavam anteriormente (Vigotski, 2018a). Um exemplo dessa interfuncionalidade ocorre com a função psicológica *imaginação*.

Em ‘Imaginação e criação na infância’, Vigotski (2018b) diferencia as duas formas de atividade psíquica do ser humano: a primeira é a atividade reprodutiva, que é profundamente ligada à memória, porque “sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados” (p. 13). Entretanto, como ressaltado por Alexandrino (2021), se as atividades humanas fossem limitadas à atividade reprodutiva, isso impossibilitaria

os sujeitos de serem livres para transformar situações e comportamentos, e se adaptar a experiências novas. A segunda forma de atividade abordada por Vigotski (2018b) também está ligada à memória, porém não se restringe à repetição. Ela é denominada pelo autor de *atividade criadora*, que consiste em combinar e reelaborar elementos de uma situação vivenciada anteriormente, originando algo novo, próprio daquele sujeito (Vigotski, 2018b). Esse tipo de atividade é a base para os processos imaginativos, e é a condição necessária para quase toda a atividade humana, mas ela não se manifesta do nada, já que necessita do acúmulo de experiências para se desenvolver (Vigotski, 2018b). Como menciona o autor, a criação desenvolve-se “de formas mais elementares e simples para outras mais complexas”, e em cada estágio do desenvolvimento ela se manifesta de uma forma (p. 21). Como observado, as atividades humanas de reprodução e criação convergem dialeticamente (Saccomani, 2016), e a imaginação está profundamente interrelacionada com a memória nessas atividades.

Os estudos de Vigotski (1999b) também evidenciaram uma relação de dependência entre a imaginação e o desenvolvimento da linguagem, que é a forma principal de comunicação da criança com aqueles ao seu redor. A linguagem possibilita à criança criar representações de objetos fora do alcance da sua percepção imediata e pensar neles. Além disso, na obra ‘Imaginação e criação na infância’ (2018b), o autor afirma que os processos imaginativos também estão intimamente relacionados às emoções, como um liame entre a imaginação e a realidade. Por mais fantástica que a obra seja, o sentimento que ela suscita em nós é completamente real, e, segundo o mesmo autor, “isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vivenciadas por nós de verdade, franca e profundamente” (Vigotski, 2018b, p.30). É através dos processos afetivos e dos sentimentos expressos por meio das obras de arte que podemos compreender como a imaginação se constitui em cada sujeito.

Partindo desse pressuposto teórico, resgatam-se os argumentos do autor sobre as relações entre desenvolvimento e arte. González Rey (2018), enfatiza que Vigotski, em sua tese de doutorado, já defendia a relação entre a Arte e a imaginação, a emoção e a fantasia, destacando o conceito de *perezhivanie*, entendida como um conjunto de processos emocionais que integram a unidade fantasia-emoção, característica do ato artístico. Esse conceito foi abordado por Vigotski para compreender como os sujeitos se relacionam com o meio, concebido pelo autor como fonte de desenvolvimento (González Rey, 2018). Para Vigotski (2021b):

Quando se perguntam de onde nascem, como se formam, de que modo se desenvolvem os processos superiores do pensamento infantil, devemos responder que surgem no processo de desenvolvimento social da criança por meio da transferência para si das formas de colaboração que ela assimila na relação com o meio social que a cerca (p. 209).

Dessa forma, por meio da interação social e da internalização da linguagem, dos conceitos, signos e símbolos, a criança pode ampliar suas experiências e atribuir sentidos às situações vivenciadas (Alexandrino, 2021). Para este trabalho cabe destacar o papel do compartilhamento de signos, significados e conhecimentos construídos culturalmente pela humanidade, aqui destacada a arte. As experiências com a arte favorecem a ampliação de experiências da criança, já que é imprescindível à atividade de criação o contato com experiências qualitativamente significativas. Souza (2016) enfatiza que a relação entre o sujeito e o meio, quando mediada pela arte, promove experiências repletas de fortes emoções, denominadas de vivências estéticas, que são promovidas pela imaginação.

Em Psicologia da Arte (1999a), Vigotski afirma que o ato artístico se caracteriza como uma atividade criadora, já que a arte não reflete a realidade em sua totalidade, mas reelabora

complexamente elementos dessa realidade, criando algo novo. Contudo, o autor ressalta que “nenhum dos elementos é importante em si (...) o importante é a reação estética que suscita em nós” (Vigotski, 1999a, p. 259). Assim sendo, a reação estética, concebida como a expressão das emoções por meio da imaginação frente à uma obra de arte (Souza & Arinelli, 2019), pressupõe uma luta interna, constituída por contradições, num movimento dialético da emoção, que se conclui no que o autor denomina de catarse, sem a qual a arte não existe (Vigotski, 2010).

A catarse, se origina da superação, a partir de um ato criador, do sentimento despertado pela manifestação artística, em que se faz necessário, além de vivenciar o sentimento e compreender a estrutura da obra, superar o próprio sentimento frente a ela (Vigotski, 1999a). A estrutura, segundo o autor, é composta por uma forma, que abrange o material do qual a obra é feita e a “imagem” final desta, e por um conteúdo, que seria o significado por trás da obra (Wedekin & Zanella, 2013). Esses elementos são indissociáveis, mas, ao mesmo tempo, suscitam uma contradição dialética no espectador, necessária para a vivência estética, pois desencadeiam a catarse, resultante de uma série de sentimentos opostos (Faria, Dias & Camargo, 2019).

Ainda para Vigotski (1999a), a vivência estética possui caráter educativo, pois organiza nosso comportamento, direcionando ações futuras, visto que “as possibilidades dos impulsos suscitados pela arte dependem do emprego e do destino que damos a esse instrumento” (p. 322). É exatamente esse direcionamento de comportamentos para o futuro que caracteriza a atividade criadora, que é a base da imaginação, e se manifesta em todos os segmentos da vida cultural do sujeito (Vigotski, 2018b).

A fim de aprofundar essas concepções acerca da relação entre a arte e o desenvolvimento humano, foi realizado um levantamento da literatura em bases de dados científicas nacionais, nos últimos 10 anos, utilizando os descritores *psicologia histórico-*

cultural, desenvolvimento e arte. Como critério de inclusão para análise das publicações, considerou-se os artigos teóricos, empíricos ou sobre pesquisa-intervenção que contemplassem a temática supracitada, a partir do referencial da Psicologia Histórico-Cultural. Foram encontrados inicialmente sete artigos na Scielo, catorze na Lilacs e um na IndexPsi, e 57 trabalhos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Após a leitura dos títulos e resumos restaram seis artigos na Scielo, dois na Lilacs, e nove produções, entre teses e dissertações, na BDTD. Posteriormente, foram selecionadas quatro publicações na Scielo (Silva, Pedro, Silva, Rezende & Barbosa, 2013; Barroco & Superti, 2014; Schlindwein, 2015; Andrada, Dugnani, Petroni & Souza, 2019), duas na Lilacs (Prestes, Tunes, Pederiva e Terci, 2018; Capucci e Silva, 2018) e cinco na BDTD (Cruz, 2013; Dias, 2017; Teixeira, 2017; Pastre, 2018; Silva, 2018).

O artigo de Capucci e Silva (2018), abordou a experiência estética proporcionada pelo drama das obras teatrais, que possibilita ao espectador a transformação de sentimentos de forma elaborada. Essa transformação, promovida por meio de processos imaginativos, colabora para a organização de seu comportamento e oportuniza novas experiências ao sujeito. Em consonância com essa concepção, Barroco e Superti (2014) assinalam que, através da catarse, a vivência artística possibilita uma nova organização psíquica, e que a arte possui uma estrutura singular, que difere de outros objetos culturais, como a ciência. Assim sendo, a arte é a responsável por promover a transformação das emoções, e consequentemente de todo sistema psicológico.

Os resultados das publicações também indicaram que a arte pode ser promotora de desenvolvimento humano adulto. No artigo de Schlindwein (2015), foi verificado que o contato de professoras com as manifestações artísticas (artes visuais, cinema, música, teatro e literatura) possibilitou vivências estéticas e momentos de reflexão que causaram inicialmente

estranhamento e ressignificação de concepções cristalizadas. Dessa forma, a autora defende que as vivências estéticas devem ser oportunizadas durante a formação.

Além disso, as produções encontradas neste levantamento revelaram que a arte pode ser utilizada como instrumento nos mais diversos contextos educativos. O artigo de Silva et. al (2013), relata a proposta de uma disciplina de Estágio em Psicologia Escolar, ancorada na Psicologia Histórico-Cultural. Os autores afirmam que a utilização da arte como instrumento durante as aulas na graduação, possibilitou a circulação de ideias e a construção coletiva de metodologias entre a supervisora e os estagiários acerca de uma formação crítica. Consideram ainda que a Universidade, assim como os demais contextos escolares, tem o papel de oportunizar o contato dos alunos com a Arte. Já segundo Teixeira (2017), o psicólogo escolar pode atuar em contextos socioeducativos através do trabalho coletivo, ressignificando papéis e práticas pedagógicas, e oportunizando o trabalho com adolescentes a partir de projetos que visem a inserção social e a formação e desenvolvimento humano, e utilizando recursos diversos, tais como a arte.

Andrada, Dugnani, Petroni e Souza (2019), argumentam que o papel do Psicólogo Escolar é de mediador das relações na promoção de processos reflexivos sobre o pensamento e comportamento dos atores escolares, de forma a criar espaços de trocas de afetos e emoções, defendidas como dimensões a serem trabalhadas pelo psicólogo no contexto escolar. Dessa forma, a partir da especificidade de conhecimentos e intervenções que caracterizam essa prática, e do planejamento intencional das ações, o psicólogo escolar deve construir práticas que promovam o desenvolvimento dos sujeitos; segundo defende, a arte tem se apresentado como um possível instrumento para a criação e intervenção nestes espaços abertos à expressão e ressignificação de afetos, práticas e relações. As autoras apresentam ainda as possibilidades de expressões artísticas que podem servir de ferramentas para o psicólogo escolar: música, fotografia, pintura, escultura, contação e produção de histórias, filmes, documentários, poesias,

literatura; como também, a produção de desenhos, pinturas, poesias, música, documentários, contos e esculturas.

A partir dos resultados do estudo de Prestes, Tunes, Pederiva e Terci (2018), as autoras identificaram que a formação da reação estética na criança pode ser investigada através da atividade musical que intercala a audição com o diálogo. As autoras fazem uma crítica a concepção de talento/dom inato, que gera o distanciamento dos sujeitos com a música, e é motivo de exclusão daqueles que não se adaptam ao padrão estabelecido por escolas de música. Ressaltam que todos temos capacidade de nos expressar por meio da atividade musical, que é uma “forma de expressão da experiência humana” (p.57).

Silva (2018) discutiu em sua pesquisa as concepções de criatividade dos gestores e professores da escola, que se reproduzem nas práticas pedagógicas e desconsideram a importância da imaginação no processo criador, o que prejudica a atividade criadora dos alunos, que permanecem somente no nível da atividade reprodutora. Defende que as práticas pedagógicas sejam orientadas a partir do conhecimento acerca dos processos de desenvolvimento, tais como o processo de criação, que considere os aspectos sociais, históricos e individuais.

Ainda com relação a utilização da arte nas práticas pedagógicas, Pastre (2018) assinala que a Literatura Infantil se configura como uma possível prática dos educadores, não apenas para o ensino de literatura ou o trabalho com a representatividade, mas como expressão artística que possibilita a formação humana. A autora defende que o educador, enquanto mediador de conhecimentos formais e culturais, deve ter desenvolvidas sua criação e sua imaginação, além de ter tido contato com manifestações artísticas diversificadas e se apropriado do conhecimento historicamente elaborado pela humanidade, para então possibilitar experiências e vivências de forma significativa para as crianças. Para isso, a autora enfatiza a importância da formação inicial e continuada de professores.

Ancorada nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, Cruz (2013) também defende que a arte possui importante papel formativo na constituição dos sujeitos. O estudo ressalta a importância da educação artística na ampliação dos processos criativos e imaginativos, e que a arte na educação formal é promotora de desenvolvimento, e consequentemente, de transformações sociais.

Corroborando com esta ideia, Dias (2017), afirma que o trabalho com a literatura, considerada uma forma de arte, possibilita a criação e mobiliza emoções nas crianças. Além disso, a autora enfatiza a importância da escola e do educador no processo da educação estética, ao possibilitar à criança vivências estéticas e a formação de um sentido estético; afirma ainda que a literatura pode potencializar a imaginação, com destaque à interrelação entre as funções psicológicas superiores durante o processo de vivência estética.

Diante do exposto e considerando a importância da utilização de manifestações artísticas desde os anos iniciais do desenvolvimento das crianças, foram desenvolvidas no capítulo a seguir, reflexões acerca da educação infantil, do papel da arte, e principalmente dos contos na promoção de desenvolvimento neste contexto, e de um levantamento sobre relatos de práticas do psicólogo escolar, utilizando manifestações artísticas.

CAPÍTULO II

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O USO DE CONTOS PARA A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

*“Pela estrada a fora eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha”*

Composição: Braguinha (1960)

A educação infantil é um direito social constitucional garantido pelo estado e é definida como uma etapa da educação básica, que ocorre em espaços institucionais, públicos ou privados, responsáveis pela educação e cuidado de crianças de 0 a 5 anos, em período diurno, integral ou parcial (Brasil, 2010). Tanto as creches quanto as pré-escolas desempenham um importante papel social no desenvolvimento e processo de constituição do sujeito, possuindo função diferenciada e complementar à ação da família, constituindo um espaço de aprendizagem (Brasil, 2006). Corroborando com essa ideia, Oliveira, Braz-Aquino, Salomão e Melo (2015), destacaram que a inserção da criança em contextos educativos proporciona a ampliação de suas experiências, que diferem daquelas vivenciadas nas interações familiares.

Além disso, a Educação Infantil é um potencial formador de sujeitos, sendo os educadores os principais mediadores do processo de inserção das crianças no contexto histórico e social, através da promoção de atividades que prezem pela organização e dinâmica do meio (Alexandrino & Braz-Aquino, 2019). Dessa forma, as práticas pedagógicas intencionais possuem papel fundamental na educação infantil, e devem ser pensadas a fim de garantir a relação entre o lúdico e o psiquismo das crianças (Alexandrino & Braz-Aquino, 2018).

De acordo com Alexandrino (2021), a utilização das manifestações artísticas na educação infantil potencializa o desenvolvimento das funções psicológicas da criança,

principalmente da imaginação. Para a autora, essa etapa da educação deve “possibilitar a imersão das crianças pequenas em sua sociedade, por meio de práticas sociais de sua cultura, que podem ser possíveis a partir de elementos artísticos” (p. 53).

Dessa forma, considerando que os contextos educativos possuem a função social de compartilhar os conhecimentos historicamente construídos pelo meio cultural (Souza, Petroni & Andrada, 2016), a educação infantil deve ser promotora dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, que ampliem as experiências, indispensáveis à formação das crianças, e possibilitem o domínio técnico das manifestações artísticas, que são consideradas objeto de educação, pois propiciam a vivência do sentimento estético (Vigotski, 2010).

A relevância da arte e suas manifestações para a educação infantil encontra-se declarada na BNCC (2018), que assinala a importância de as atividades pedagógicas aproximarem as crianças de experiências que permitam conhecer a si e ao outro, tais como (...) “brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas.” Do mesmo modo, Vigotski (2018b) ressalta a necessidade de um trabalho pedagógico voltado à ampliação da experiência das crianças, para assim proporcionar bases sólidas para a atividade criativa destas. Os recursos artísticos, como adverte Alexandrino (2021), são considerados importantes instrumentos mediadores no trabalho dos educadores e dos psicólogos no contexto de educação infantil, pois promovem o desenvolvimento de funções psicológicas superiores. Neste trabalho, daremos maior destaque a um recurso artístico em específico, que são os contos infantis. Para compreender a importância dos contos para o desenvolvimento, principalmente da imaginação, na educação infantil, é necessário conhecer a definição, as características e estrutura desse recurso artístico.

A partir de uma base histórico-cultural, Silva e Vieira (2017) formulam a noção de *conto* como um gênero literário infantil que possibilita à criança vivenciar processos imaginativos, emocionais e fantasiosos que remetem a experiências reais de seu cotidiano.

Além dessas autoras, outras estudiosas do tema (Mendes, 1999; Reis, 2004; Merege, 2010) apresentam os contos como narrativas ou histórias populares, originalmente transmitidas de forma oral de geração em geração, e que, com o decorrer do tempo, passaram a ser escritas e organizadas em livros infantis. Portanto, os contos podem ser entendidos como um produto cultural de antigos povos, que refletiam seus comportamentos, pensamentos e costumes, e que foram recontados ao longo dos séculos e difundidos de tal forma, que são reconhecidos mundialmente, mesmo a partir de diferentes versões (Merege, 2010).

Mesmo com a mudança de personagens, cenários e enredo, além da presença de objetos e personagens fantásticos, os contos apresentam em sua estrutura elementos que não variam, como é o caso da linguagem utilizada, a qual Mendes (1999) caracteriza como “simples e ingênua” (s.p.), pois é muito próxima da linguagem informal e da fala infantil. Além disso, as narrativas dos contos são curtas e em formato de prosa, que se deve ao fato de originalmente serem utilizados como passatempo dos povos antigos em noites ao redor de fogueiras (Reis, 2004). Ainda, Mendes (1999) afirma que todo conto possui uma sequência temporal e personalidades fundamentais: um contexto inicial harmônico e feliz, seguido pela imposição de um desafio a ser superado ou a apresentação de uma proibição; a personagem protagonista, que transgredir essa proibição e que deve superar as consequências; essas consequências são representadas por um antagonista/malfeitor, cujo objetivo é causar dano ou prejuízo a personagem principal; e o encerramento, em que a protagonista derrota o malfeitor e encontra a felicidade eterna, dando fim a sua trajetória. É importante conhecer tais elementos, pois os contos infantis podem ser facilmente confundidos com outros gêneros literários, tais como os mitos, as lendas (inclusive folclóricas) e principalmente as fábulas (Merege, 2010).

Com o surgimento do alfabeto, por volta do século VII a. C., os contos passaram a ser registrados por autores que recolheram e organizaram as narrativas que, até o momento, eram recontadas oralmente (Merege, 2010). A autora destaca o marco no surgimento do registro

desse gênero em livros a partir do escritor Charles Perrault, reconhecido pela obra “Contos da mamãe gansa”, que reunia, dentre outros, o conto da *Chapeuzinho Vermelho*, *A bela adormecida* e *Cinderela*. Contudo, como enfatizado por Reis (2004), os contos são uma construção coletiva, e não são considerados propriedade de um único criador. Dessa forma, é importante apresentar outros escritores que fizeram o registro destes e de outros contos, como os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, Hans Christian Andersen, e Joseph Jacobs, conhecido pelo conto dos *Três porquinhos*.

No Brasil, não é possível dizer com exatidão o momento do surgimento dos contos com as características apresentadas anteriormente. Sabe-se que os índios, naturalmente, já possuíam suas próprias histórias, e que, com a chegada dos portugueses, os contos europeus começaram a ser transmitidos no país (Reis, 2004). Dessa forma, os elementos dessas narrativas se mesclaram, incluindo também a literatura oral de origem africana, dando origem aos contos populares nacionais. Os escritores mais conhecidos por registrar e organizar esses contos em livros são Sílvio Romero, Luís Câmara Cascudo, Figueiredo Pimentel, Lourenço Filho e Monteiro Lobato (Merege, 2010). Ainda assim, os contos mais conhecidos pelos brasileiros são de origem estrangeira.

Vigotski, em sua obra *Psicologia Pedagógica* (2010), mais especificamente no capítulo ‘Educação Estética’, discute acerca da utilização de Contos na educação formal. O autor considera o conto uma forma de arte infantil, e defende que a educação da criança, desde seus primeiros anos, deve se fundamentar na verdade. Dessa forma,

não significa infundir de maneira artificial, de fora, ideias, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças (...), mas em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado (Vigotski, 2018b, p.71).

Para o autor, a educação teria papel primordial na transformação das funções psicológicas elementares, orgânicas em funções psicológicas superiores, desenvolvidas pelas interações dos sujeitos com as mais diversas criações da humanidade, como a arte. Esse contato deve ser mediado pelo educador, utilizando o instrumento cultural, no caso a arte, para ampliar o repertório de experiências da criança, aproximando-a das construções culturais desenvolvidas pela humanidade durante a história (Barroco & Superti, 2014).

Aproximar a criança dessa experiência social e estética acumulada pela humanidade, segundo Vigotski (2010), permite introduzir seu psiquismo nas criações humanas externas a ela, e sua inserção em uma rede social mais ampla, denominada cultura. Em consonância com essa ideia, Alexandrino (2021) afirma:

A proposta de incluir a arte como um princípio educativo na Educação Infantil encontra a imaginação como possibilidade ético-política para se contrapor a uma educação tradicional que se sustenta em concepções de desenvolvimento, educação, ensino e aprendizado que não contemplam as necessidades infantis de participar como sujeitos ativos de seu meio e internalizar elementos próprios de sua cultura (p. 54).

Vigotski também defende que os processos de criação se iniciam já na mais tenra infância (Vigotski, 2018b), o que pode ser um indicador para o início da educação estética, cabendo aos contextos educacionais, tais como instituições de educação infantil, parte do relevante papel de mediação cultural. Também Alexandrino (2021) discorre sobre a presença dos contos na Educação Infantil, e defende que cabe ao adulto, no caso o educador, realizar a

contação de uma obra fantástica, esclarecer à criança que aquela história não é real. Daí a importância do educador enquanto mediador nas práticas pedagógicas.

O estabelecimento de uma parceria entre os educadores e o psicólogo escolar, segundo Oliveira (2018), pode ampliar as possibilidades de práticas, ao unir os saberes psicológicos e os saberes pedagógicos, de forma que os conhecimentos se complementem, objetivando o pleno desenvolvimento dos sujeitos. Com a finalidade de investigar o uso de recursos artísticos nas intervenções de psicólogos escolares, foi realizado um segundo levantamento em bases de dados científicas nacionais e na BDTD, utilizando os descritores *psicologia escolar*, *desenvolvimento* e *arte*. O processo de coleta resultou em sete artigos na Scielo, 21 na Lilacs, dois na IndexPsi, e 231 trabalhos na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. Os critérios de inclusão das produções neste levantamento foram os mesmos indicados no primeiro capítulo deste trabalho. Após a leitura dos textos na íntegra, restaram para análise onze produções na BDTD (Petroni, 2013; Jesus, 2015; Neves, 2015; Maia, 2017; Oliveira, 2018; Cavalcante, 2019; Reis, 2019; Neves, 2020; Jesus, 2020; Ramos, 2020; Oliveira, 2021).

Todas as produções encontradas neste levantamento utilizaram os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural como fundamentação das pesquisas. Das onze publicações, nove são oriundas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no Estado de São Paulo, sendo 4 teses (Petroni, 2013; Jesus, 2020; Neves, 2020; Ramos, 2020), e 5 dissertações (Jesus, 2015; Neves, 2015; Oliveira, 2018; Reis, 2019; Oliveira, 2021). Isso se deve ao fato destes pesquisadores integrarem um grupo em que são desenvolvidos trabalhos de pesquisa-intervenção em contextos escolares, fundamentados nos pressupostos de Vigotski, e que utilizam como recurso diferentes manifestações artísticas (Souza, Petroni & Andrada, 2016). Das duas produções restantes, uma dissertação é proveniente da Universidade Rural do Rio Grande do Sul (Maia, 2017), e uma tese é oriunda da Universidade de Brasília (Cavalcante, 2019).

Com relação aos instrumentos utilizados, todas as produções relataram utilizar durante as intervenções manifestações artísticas, tais como: literatura, músicas, filmes, fotografias, reproduções de pinturas, vídeos de curta-metragem, documentários, esculturas, ditados populares (Petroni, 2013; Jesus, 2015; Neves, 2015; Maia, 2017; Oliveira, 2018; Cavalcante, 2019; Reis, 2019; Jesus, 2020; Neves, 2020; Ramos, 2020; Oliveira, 2021). A maioria utilizou mais de uma expressão artística em seu estudo. Nove das onze produções relataram a elaboração e análise de produções dos pesquisados, sendo: biscuit, pintura, fotografias da escola, produções textuais e composições de músicas, desenhos, vídeos, confecção coletiva de um cenário e de um CD, colagens, reprodução/releitura de obras, origami, síntese em post-its, e memoriais (Petroni, 2013; Jesus, 2015; Neves, 2015; Maia, 2017; Cavalcante, 2019; Reis, 2019; Jesus, 2019; Neves, 2019; Oliveira, 2019). Oito produções relataram o uso de diários de campo para registro e análise dos dados (Jesus, 2015; Neves, 2015; Oliveira, 2018; Reis, 2019; Jesus, 2019; Neves, 2019; Ramos, 2019; Oliveira, 2019). Além destes instrumentos, cinco das pesquisas realizaram entrevistas semiestruturadas (Petroni, 2013; Jesus, 2015; Neves, 2015; Oliveira, 2018; Ramos, 2020). Em sua dissertação, Maia (2017), relatou a realização de entrevistas não-estruturadas. Cavalcante (2019), relatou ainda a utilização de rodas de conversa, minicursos, workshops, e os procedimentos relativos ao Mapeamento Institucional (Marinho-Araújo, 2014).

Por meio da utilização desses instrumentos, com ênfase nos recursos artísticos, as produções apresentaram, de forma geral, práticas exitosas para o trabalho dos psicólogos com os diferentes atores escolares. Petroni (2013), realizou um trabalho com os gestores de uma escola, e a arte foi utilizada para ressignificar o papel do psicólogo nesse contexto.

Com relação ao trabalho com os alunos, cinco das publicações relataram a realização da pesquisa com alunos do ensino fundamental II. Jesus (2015) realizou uma pesquisa com os adolescentes que frequentavam a sala de recuperação, e a autora fez uso da contação de

histórias para possibilitar a abertura desses espaços, de forma que os estudantes refletissem e participassem ativamente. Neves (2015), também realizou um trabalho com os alunos que frequentavam a sala de recuperação, e utilizou a música para promover o desenvolvimento do pensamento e a ampliação de concepções, tanto dos alunos, quanto dos gestores e professores. Maia (2017), destaca que a arte pode ser utilizada para a aproximação do psicólogo escolar com os grupos, para o trabalho no coletivo, e ainda como uma forma de rompimento da prática da violência.

Jesus (2020), apresentou em sua tese que a contação de histórias pode ser um recurso para promoção do desenvolvimento de alunos do ensino fundamental II, por promover a expressão das emoções e a ressignificação de vivências. Ela mobiliza processos psicológicos como a imaginação, a fala e o pensamento. Para Oliveira (2021), a contação de histórias, como proposta da intervenção, possibilita momentos de reflexão e novas vivências, que podem mobilizar o protagonismo dos jovens, ao contar suas próprias histórias.

Além de pesquisas com alunos do ensino fundamental, o levantamento indicou produções que relataram o trabalho do psicólogo escolar com estudantes do ensino médio. Reis (2019), discutiu o uso da arte como forma de aproximação do psicólogo escolar com os alunos, e a ressignificação destes sobre as formas de interação social. Já Neves (2020) destacou que o contato com expressões artísticas, como fotografias em preto e branco, pode mobilizar processos imaginativos, pensamentos e emoções em adolescentes do ensino médio.

Os achados do levantamento também apresentaram pesquisas-intervenção em contextos escolares com professores e psicólogos. Oliveira (2018), afirma que a parceria entre professores e o psicólogo escolar pode favorecer o diálogo entre as práticas pedagógicas e as psicológicas. Nesse sentido, a arte foi usada como meio de aproximação e abertura de espaços de fala e ressignificações. A pesquisa de Ramos (2020) mostrou que o uso da literatura como materialidade artística potencializou novos modos de pensar, sentir e agir, favorecendo o

estabelecimento de cooperação e parceria entre os atores escolares. Por fim, Cavalcante (2019) afirma que a proposta de formação continuada para psicólogos escolares, utilizando ‘mediações estéticas’ se mostrou promotora de processos de desenvolvimento humano adulto, por impactar a dimensão afetiva dos sujeitos e favorecer a circulação de sentidos e ressignificação de práticas cristalizadas.

Apesar de os estudos encontrados se mostrarem importantes para a compreensão das possibilidades de atuação do Psicólogo Escolar com o uso da arte como instrumento mediador das relações entre os atores e demandas educacionais, percebeu-se por meio do levantamento realizado que não foram encontradas publicações que relatassem ações do psicólogo utilizando os contos como recurso mediador de suas propostas, na educação infantil. Esse resultado ressalta a importância de uma investigação referente ao papel dos contos no desenvolvimento de crianças desde a educação infantil, e seus desdobramentos para a prática de profissionais desse seguimento da Educação Básica. Dessa forma, nas páginas seguintes será apresentado o método utilizado para responder a essa questão.

MÉTODO

“Espere, Maria, até a luz aparecer, então veremos as migalhas de pão que espalhei pelo caminho”

Jacob e Wilhelm Grimm (1812)

Trata-se de uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa do tipo levantamento bibliográfico ou levantamento da literatura, que é definido como uma pesquisa cuja finalidade é levantar toda a bibliografia, quer seja artigos, teses, dissertações, ou demais publicações acerca de um determinado tema (Pizzani, Silva, Bello & Hayashi, 2012). O presente levantamento foi realizado em bases de dados de artigos científicos nacionais e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o que conduz a ponderação das autoras quanto a generalizações sobre o tema.

Para atingir o objetivo do estudo, foi desenvolvido um levantamento da literatura, a partir da leitura e identificação de produções que articulassem os temas: desenvolvimento, arte, educação infantil e contos infantis. O levantamento abrangeu artigos científicos, dissertações e teses, nas bases de dados *on-line* nacionais Scielo, Lilacs, Index Psi, Pepsic e BDTD. Inicialmente, foram realizadas buscas simples nas bases de dados supracitadas, em que foram inseridos os descritores e operadores booleanos. Os sinônimos e categorias dos descritores foram inseridos a posteriori, com a realização de buscas sensibilizadas.

Os critérios de inclusão adotados foram: a) artigos, teses e dissertações de caráter empírico ou sobre pesquisa-intervenção que contemplasse a temática de intervenções com os Contos na Educação Infantil; b) produções publicadas entre os anos de 2011 e 2021. Considerou-se os seguintes aspectos para os critérios de exclusão: a) publicações anteriores ao ano de 2011; b) publicações que não abordassem o tema deste estudo; c) ensaios/estudos teóricos.

Inicialmente, realizou-se um levantamento voltado para as produções referentes ao uso dos contos como possível instrumento do psicólogo escolar na educação infantil. Foram utilizados os descritores *psicologia escolar*, *literatura infantil* OR *contos*, que resultou em 27 artigos na Scielo; nenhum artigo na Pepsic, Lilacs e na IndexPsi. Na BDTD apareceram 1095 resultados. Contudo, após a leitura dos títulos e resumos, concluiu-se que nenhum resultado se adequava ao objetivo do levantamento, pois não faziam referência à Psicologia Escolar e/ou não abarcavam especificamente os Contos Infantis como instrumento para o trabalho da(o) psicóloga(o) escolar.

Dessa forma, optou-se pela realização de uma segunda busca, de forma que abrangesse publicações referentes não apenas à Psicologia Escolar, mas intervenções, incluindo práticas pedagógicas, que relatassem a utilização contos no contexto de educação infantil. Para isso, foram utilizados os descritores *contos* e *educação infantil*. É importante mencionar que outras combinações de descritores foram utilizadas: *contos*, *educação infantil* e *desenvolvimento*; *contos*, *educação infantil* e *psicologia histórico-cultural*; *contos de fada* e *educação infantil*. Contudo, obteve-se apenas resultados com os descritores *contos* e *educação infantil*. Desta busca, foram encontrados: Scielo: 3 artigos; Pepsic: 2; Lilacs: 7; Indexpsi: 1; e BDTD: 760. Após a leitura dos títulos e resumos restaram dois artigos da Lilacs e sete produções, entre teses e dissertações, na BDTD.

É importante ressaltar que não foram incluídos na análise produções referentes à ensaios/pesquisas teóricas, devido ao objetivo de o levantamento ser voltado a práticas e ações na educação infantil. A princípio, a seleção das publicações de todos os levantamentos foi realizada a partir da leitura dos títulos e resumos dos resultados encontrados nas bases. Com isso, foi possível excluir aquelas que não se enquadram no objetivo do estudo. Posteriormente à leitura na íntegra das publicações restantes, foram selecionadas aquelas que compõem este levantamento, que serão apresentadas a seguir.

Visando organizar o conjunto de materiais encontrados, foi proposta a composição de categorias para análise (Albuquerque & Braz Aquino, 2018), tais como: data das publicações; autoria e vínculo institucional; objetivos e questões das pesquisas; definições de contos infantis; referenciais teóricos adotados; delineamento da pesquisa; amostra e instrumentos utilizados; principais resultados e discussões do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Rapunzel, Rapunzel, jogue suas tranças para mim”

Jacob e Wilhelm Grimm (1812)

Nesta seção do trabalho são apresentados os resultados referentes ao levantamento acerca da utilização de contos na educação infantil, cuja exposição partirá das categorias de análise descritas anteriormente. Obteve-se, a partir da leitura integral das produções encontradas, dois artigos na Lilacs (Maia, Leite & Maia, 2011; Gomes & Silva, 2019) e quatro produções na BDTD (Lucifora, 2017; Sodré, 2017; Martins, 2018; Nascimento, 2019)

Tabela 1: Publicações que fazem referência ao Contos na Educação Infantil

Título	Autoria	Ano de Publicação
O emprego da literatura na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola	Maia, Leite e Maia	2011
Contação de histórias e dialogia na educação infantil: uma experiência educativa	Sodré (Dissertação de Mestrado)	2017
A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil	Lucifora (Dissertação de Mestrado)	2017
De Chapeuzinho Vermelho à formação de leitores: olhares infantis	Martins (Dissertação de Mestrado)	2018
Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar	Gomes e Silva	2019
Representações sociais dos contos de fadas: uma visão de professores sobre A Bela Adormecida	Nascimento (Tese de Doutorado)	2019

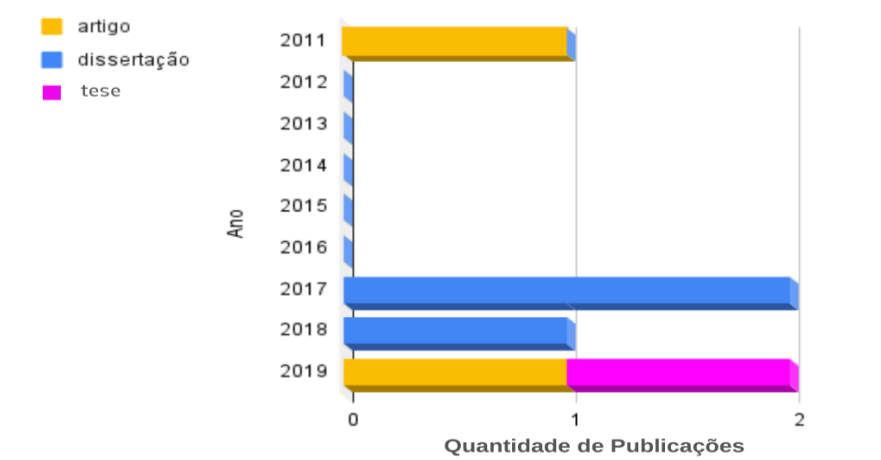
Procedimentos para análise:

A fim de analisar o conteúdo das publicações resultantes deste levantamento, foram destacados 7 eixos, sendo eles: *a) Data das publicações; b) Autoria e vínculo institucional; c) Objetivo e questões das pesquisas; (d) Definições de Contos Infantis; e) Referenciais teóricos adotados; f) Delineamento da pesquisa; g) Amostra e instrumentos utilizados; (h) Principais resultados e discussões do estudo.*

a) Data das publicações

Observou-se que as publicações se concentraram entre os anos de 2017 a 2019, e apenas um artigo foi publicado em 2011. Em 2017 foram duas dissertações, em 2018 uma dissertação e em 2019 um artigo e uma tese. Apesar da queda de investimento na produção científica nacional, observada a partir do ano de 2015 (CAPES, 2020), os dados obtidos no levantamento mostram um aumento no número de publicações científicas nos últimos anos. Costa (2015), afirma que a expansão das produções no Brasil é reflexo do desenvolvimento científico do país, sustentado pelas Universidades e seus programas de pós-graduação. A distribuição dessas produções por ano pode ser exibida na Figura 1:

Figura 1: Data das Publicações



Fonte: Dados do levantamento.

b) *Autoria e vínculo institucional*

O levantamento realizado permitiu observar que três das publicações são oriundas de São Paulo, sendo duas da Unesp (Maia et. al, 2011; Lucifora, 2017) e uma da USP (Sodré, 2017). Um artigo é proveniente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Gomes & Silva, 2019), uma tese da Universidade de Brasília (Nascimento, 2019), e uma dissertação da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná (Martins, 2018). Desse modo, observamos que, apesar da gradual diminuição das disparidades regionais com relação à produção científica no Brasil (UNESCO, 2021), ainda há uma maior concentração de pesquisas no eixo sul-sudeste. De acordo com dados do Relatório de Ciências da UNESCO (2021) essa questão pode ser explicada pela concentração histórica de cursos de graduação e pós-graduação neste eixo, principalmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Figura 2: Região das Publicações



Fonte: Dados do levantamento.

c) Objetivo e questões das pesquisas

No tocante aos objetivos das pesquisas, quatro estudos objetivaram compreender de que forma os educadores concebem os contos e como costumam utilizá-los nas práticas pedagógicas na educação infantil (Sodré, 2017; Lucifora, 2017; Martins, 2018; Gomes & Silva, 2019). Além disso, Nascimento (2019) procurou investigar as representações sociais dos professores da educação infantil e do ensino fundamental que utilizam os contos nas práticas pedagógicas. E por fim, Maia, Leite e Maia (2011) elencaram três objetivos principais em sua pesquisa, sendo: realizar o levantamento do acervo de livros infantis da instituição; investigar a escolha e o uso dos livros para as práticas pedagógicas; e realizar uma intervenção acerca da utilização dos contos com as professoras. Os contos infantis foram utilizados, ao longo dos anos, como recurso para educar comportamentos e valores morais, em sobreposição às vivências estéticas, ocasionando mais prejuízos do que benefícios ao psiquismo infantil (Vigotski, 2010). Dessa forma, a escolha desses objetivos pelas publicações encontradas, pode ser justificada pelo interesse dos pesquisadores em compreender a utilização dos contos por educadores em práticas pedagógicas, e propor ações interventivas a partir dos resultados obtidos. Tais direcionamentos são característicos em pesquisas qualitativas, de forma que, quanto mais complexas as questões de pesquisa, mais complexos os sentidos atribuídos para explicar os fenômenos encontrados (González-Rey, 2011).

d) Referenciais teóricos adotados

Em relação aos referenciais teóricos utilizados nos estudos encontrados, duas produções não especificam a fundamentação que utilizam, sendo uma dissertação de mestrado da área da educação (Sodré, 2017) e uma tese de doutorado da área da psicologia (Nascimento, 2019). Duas publicações utilizam os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, sendo um artigo da área da psicologia (Maia et. al, 2011) e uma dissertação de mestrado da área da educação

(Martins, 2018), que também utiliza os referenciais do Materialismo Histórico-Dialético e a Pedagogia Histórico-Crítica. Como já descrito anteriormente, a Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada nos pressupostos de Vigotski, considera que as características especificamente humanas se desenvolvem por meio do contato com a história e a cultura construídas pela humanidade, em um processo dialético de interação social (Van der Veer & Valsiner, 2014).

Em um desses estudos, Martins (2018), lembra que o Materialismo Histórico-Dialético, baseado nos pressupostos de Marx e Engels (2007), se propõe a compreender a realidade social, levando em consideração seu caráter material e histórico, e os elementos da atividade humana como o trabalho. A pesquisa de Lucifora (2017) utilizou os pressupostos do sociólogo Pierre Bourdieu, que, segundo a autora, são denominados de Teoria Crítica, que estuda as relações sociais humanas instituídas entre os gêneros, através de categorias de análise. Já o artigo de Gomes e Silva (2019), utilizou referenciais psicanalíticos em sua fundamentação.

e) *Delineamento da pesquisa*

As publicações variaram entre Pesquisas de Campo (Lucifora, 2017; Nascimento, 2019), e Pesquisa-Intervenção (Maia, Leite & Maia, 2011; Sodré, 2017; Gomes & Silva, 2019; Martins, 2018). As publicações encontradas neste levantamento utilizaram um delineamento qualitativo, que é uma forma de construir conhecimento num processo dialógico, que permite a criação teórica do investigador em um processo constante, perpassando vários momentos da investigação, o que leva a emergir novos questionamentos e possibilidades de continuidade do estudo (González-Rey, 2011). Dessa forma, o estudo de Lucifora (2017) utilizou questionários; já Nascimento (2019), além de utilizar entrevistas semiestruturadas, também realizou observações participantes em sala de aula. A pesquisa-intervenção foi utilizada nas pesquisas de Maia et. al (2011), Sodré (2017), Gomes & Silva (2019), e Martins (2018). Ela se caracteriza por não se tratar apenas de uma coleta e análise de dados, mas objetiva a realização de ações,

transformações, melhorias em um contexto, ou seja, é um conjunto de procedimentos que reúne os pressupostos teóricos e a prática (Thiollent, 2011).

f) *Amostra e instrumentos utilizados*

Quatro pesquisas foram realizadas com educadoras da educação infantil (Maia, Leite & Maia, 2011; Lucifora, 2017; Gomes & Silva, 2019; Nascimento, 2019), e duas com crianças em idade pré-escolar (Sodré, 2017; Martins, 2018). Com relação aos instrumentos utilizados, três estudos mencionaram utilizar questionários e diários de campo/bordo (Martins, 2018; Maia et. al, 2011; Nascimento, 2019), dois estudos mencionaram utilizar entrevistas (Gomes & Silva, 2019; Nascimento, 2019), quatro mencionaram observação (Martins, 2018; Sodré, 2017; Maia et. al, 2011; Nascimento, 2019), e um relatou a realização de rodas de conversa (Gomes & Silva, 2019). Esses instrumentos e procedimentos são considerados um meio importante para a coleta de dados em uma pesquisa qualitativa, e cada uma dessas atividades resulta em tipos diferentes de dados, possibilitando acessar a linguagem verbal e/ou corporal, as interações sociais, como as atividades são realizadas, o meio social e físico, registros, e, inclusive, o acesso às emoções dos participantes (Yin, 2016).

O artigo de Maia, Leite e Maia (2011), relatou o planejamento de atividades de formação docente por meio de rodas de conversa. Esse procedimento possibilita a apropriação dos sujeitos das dimensões histórica, social e do contexto escolar em que eles estão inseridos de forma ativa, o que pode potencializar o trabalho do professor de forma reflexiva e crítica (Galdini & Aguiar, 2003). As autoras deste artigo também relataram a realização de um levantamento do acervo de livros da instituição. Esse procedimento é importante em propostas de pesquisa-intervenção, pela necessidade de o pesquisador conhecer o contexto social e material no qual está se inserindo, para que possa refletir criticamente e propor possíveis transformações (Reis, 2019).

Três estudos mencionaram realizar contação de histórias (Martins, 2018; Sodré, 2017; Nascimento, 2019). Sodré (2017) utilizou, durante a contação de histórias, outras manifestações artísticas, como música e fantoches. Como demonstrado na pesquisa de Oliveira (2021), a utilização simultânea de duas ou mais manifestações artísticas pode favorecer a expressão de emoções e sentimentos, e potencializar a interação entre os sujeitos.

g) *Definições de Contos Infantis*

Em sua maioria, os autores apresentaram diferentes formas de se referir aos contos infantis. Segundo Lucifora (2017), os contos são um artefato cultural cuja transmissão se dá de forma interpessoal, de geração em geração. Para Sodré (2017), os contos são manifestações culturais transmitidas tradicionalmente de forma oral. Já Gomes e Silva (2018) consideram os Contos como histórias direcionadas ao público infantil que utilizam o “maravilhoso” como elemento para o entretenimento e projeções dos problemas. Martins (2018) considera os contos como um gênero textual que auxilia na transposição entre a fantasia e a realidade, e tem como característica a presença de elementos mágicos. Por último, Nascimento (2019), se refere aos contos como mediadores simbólicos infantis, que possibilitam a exposição de dimensões culturais, e assim auxiliam o sujeito na compreensão de valores. Cabe ressaltar que uma das publicações não apresentou a definição específica de conto, por abranger mais gêneros literários em sua pesquisa.

Podemos observar que, apesar dos diferentes referenciais teóricos adotados pelos estudos, as definições de contos se assemelham em muitos elementos, como: a forma como são transmitidos, o público ao qual são destinados, seu caráter histórico, a presença de elementos fantásticos, mágicos e que suscitam processos imaginativos. Duas das produções, inclusive, fazem referência a expressão afetiva e emocional desencadeada por esse tipo de narrativa,

corroborando com os pressupostos de Vigotski (2010), que afirma que os contos podem promover processos emocionais saudáveis nas crianças.

h) Principais resultados do estudo

Maia, Leite e Maia (2011) relataram como parte de seus resultados que, na instituição em que ocorreu a pesquisa, quanto mais novas as crianças menos era o seu contato com os livros; isso se dava pelo receio das educadoras de que as crianças os rasgassem. Contudo, fundamentando-se nos pressupostos de Vigotski (1999b), é possível afirmar que a inserção dos contos na educação infantil favorece além do desenvolvimento da imaginação, a aproximação das crianças com a linguagem e o pensamento, já que o surgimento destas funções está relacionado ao desenvolvimento dos processos imaginativos. Dessa forma, cabe refletir acerca da importância de as crianças terem contato com os livros físicos que possuam uma composição mais resistente, como pano ou plástico, e com a mediação dos educadores, a fim de promover aprendizagem e desenvolvimento.

Ainda neste artigo, as autoras verificaram que, pelo levantamento do acervo de livros da instituição, pouco mais de 10% dos livros eram Contos Infantis; cabe mencionar que esta pesquisa não se deteve aos contos, sendo utilizados outros gêneros literários disponíveis na instituição. Além disso, a escolha dos livros era realizada pela educadora, considerando a faixa etária das crianças e priorizando o objetivo da atividade pedagógica. Sobre esse aspecto, no capítulo Educação Estética, Vigotski (2010) lembra que, ao utilizar as manifestações artísticas nas práticas pedagógicas deve-se ponderar sobre o ensino restrito aos valores morais, em sobreposição às vivências estéticas.

A partir dos questionários respondidos, as educadoras relataram que a formação inicial abordou pouco/insuficientemente o uso de histórias na Educação Infantil. Diante disso, as pesquisadoras propuseram uma formação continuada para as docentes, voltada para temas

presentes naquele contexto, inclusive a contação de histórias. Mesmo sabendo que a formação no Ensino Superior é a base para a atuação profissional, deve-se considerar que o contexto escolar não é estático, ele está em constante mudança e exige dos atores escolares a atualização contínua de conhecimentos teórico-metodológicos articulados com a prática, que possibilite a reflexão e a ressignificação de papéis e práticas cristalizadas (Pastre, 2018).

Diferente do estudo de Maia et al (2011), Lucifora (2017) relata em sua pesquisa que a maioria dos educadores mencionou utilizar os contos como prática pedagógica, por meio de rodas de conversa, hora do conto, dramatização, reconto pelas crianças e leituras deleite. Entretanto, todos os educadores fizeram críticas sobre os contos conterem estereótipos de gênero, como a donzela sempre necessitar de um herói que a salve, que limitariam as possibilidades de meninas e meninos, assim como problematizaram o ideal de beleza imposto nas obras, afirmando que a maioria dos contos possuem características excludentes. Também foi observado pela pesquisadora que os educadores costumavam utilizar apenas os contos clássicos, o que pode ser explicado pela limitação do acervo disponível na instituição. Dessa forma, podemos refletir sobre a importância da inserção de outras versões dos contos em práticas pedagógicas na educação infantil. Vale mencionar que, para Vigotski (2010), também cabe à educação estética ampliar os conhecimentos e experiências dos alunos, de forma a auxiliar na organização de comportamentos futuros e transformar sua relação com o meio, sendo relevante para a prática pedagógica abordar, através da arte, questões que perpassam o cotidiano das crianças, tais como os estereótipos de gênero.

Apesar de considerar a temática de gênero importante para o contexto educativo, estes educadores apresentaram relutância em adotá-la em sua prática, por receio de possíveis conflitos com as famílias dos alunos. Todavia, é essencial que as famílias tenham conhecimento e participem dos projetos e iniciativas propostas pela escola, estabelecendo uma parceria com os educadores e os demais atores escolares, de forma a compreender como as atividades

desenvolvidas podem promover o desenvolvimento integral das crianças (Guzzo, Mezzalira, Weber, Sant’Ana & Silva, 2018).

Na dissertação de Sodré (2017), durante as contações de histórias, que aconteciam de forma dramatizada, sem a presença física de um livro e utilizando outras manifestações artísticas, as crianças levantavam elementos de sua própria realidade e correlacionavam com o contexto dos contos. Segundo Vigotski (2018b), esse é um dos motivos para os contos serem considerados um recurso importante para o desenvolvimento da imaginação na criança, pois “tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu” (Vigotski, 2018b, p. 27). Acrescenta-se que o conto auxilia na compreensão de problemas de seu cotidiano que são complexos para o momento de seu desenvolvimento, através dos mecanismos da linguagem figurativa e da memória afetiva (Vigotski, 2018b).

Além disso, a autora observou que, durante a contação, as crianças faziam uso frequente de outras formas de linguagem para se expressar, como gestos, expressões faciais ou corporais, imitação de um cavalo trotando, e movimentos de nadar. Essas ações, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, são características do período de desenvolvimento denominado de idade pré-escolar, em que a criança pode imaginar situações que não estão em sua percepção imediata, e recriar comportamentos a partir do significado dessas situações (Vigotski, 2018b). Também foi perceptível que as crianças faziam relações entre a história que estava sendo contada e outras formas de arte experienciadas por elas, como cantigas e outros contos. A pesquisadora reforça a importância do papel do mediador para ampliar o repertório de conhecimentos das crianças. Como já mencionado, a imaginação necessita de experiências qualitativamente significativas, que podem ser possibilitadas à criança por meio das experiências vivenciadas e transmitidas por outras pessoas, como no caso da educadora (Vigotski, 2018b).

O artigo de Gomes e Silva (2019), foi uma pesquisa-intervenção com educadores, e abordou o uso exclusivo e restrito dos contos tradicionais com a finalidade unicamente pedagógica, sempre relacionando-os com o conteúdo da educação formal. Sobre essa questão, em ‘Educação Estética’, Vigotski (2010) alerta sobre o uso pedagógico das obras de arte que sobrepõe a educação moral em detrimento ao sentimento estético, e em consequência, à própria obra. O autor enfatiza que essa prática pedagógica acaba por causar “repugnância estética” (p.328) na maioria dos alunos durante o período escolar, que passam a não querer ler determinadas obras exigidas no currículo escolar.

Essa utilização limitada ao uso de contos tradicionais, segundo as pesquisadoras, poderia estar relacionada a ausências durante a formação das educadoras ou a falta de experiências/conhecimentos de outros tipos de narrativas. Novamente, se faz presente nos relatos a necessidade de uma formação continuada, de forma a conscientizar esses atores sobre seu papel ativo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Corroborando com essa reflexão, as autoras também ressaltam a importância do educador enquanto mediador durante a contação, pois esse papel possibilita que as experiências com os contos sejam significativas para as crianças, e que despertem sua curiosidade por mais histórias. Por fim, a partir da intervenção realizada com os educadores, as autoras evidenciaram a importância dos contos para o desenvolvimento emocional da criança.

Segundo Vigotski (2018b), apesar dos elementos fantásticos presentes nesses recursos estéticos, a emoção que a obra suscita em nós, ouvintes/leitores, é completamente real e experienciada profundamente. Além disso, é importante enfatizarmos que os processos cognitivos e afetivos não são contrários, mas se complementam, e a partir disso, podemos considerar o conto como potente instrumento para a promoção do desenvolvimento como um todo.

Dentre os resultados do levantamento, podemos observar diferentes realidades nos contextos de educação infantil: na pesquisa de Martins (2018), a instituição na qual ocorreu a pesquisa não contava com biblioteca e não destinava um tempo fixo para a leitura, cabendo à educadora determinar como se davam as atividades. Cabe mencionar que a escolha do conto era feita pelas crianças, dentre as opções preestabelecidas pela educadora. A pesquisadora destacou a importância de reorganizar e refletir sobre a escolha das obras literárias, para permitir a ampliação de experiências para as crianças, além da utilização, pelo educador, de performances e entonação da voz específica para cada personagem, o que favorece a interação e a participação na atividade. Utilizando esses recursos e procedimentos, foi possível observar a participação ativa das crianças durante a contação. Jesus (2015) afirma que, ao levar em consideração conteúdos que sejam significativos às crianças, podemos motivar sua participação nas atividades propostas.

Por fim, nos questionários respondidos pelos educadores na tese de Nascimento (2019), foi relatada a utilização de contos semanalmente nas práticas pedagógicas; os educadores expressaram sentimentos afetivos ao mencionar a utilização desse recurso, já que os contos também estavam presentes na infância desses atores. Na análise, a pesquisadora reforça a concepção de conto como instrumento marcado por um processo histórico e social, carregados de memórias afetivas, que são promotores de processos educativos e imaginativos. Ademais, o estudo destacou a participação das crianças na reelaboração criativa das histórias que lhes eram contadas. Podemos refletir que, ao contar suas próprias histórias, as crianças podem experienciar de forma diferente a atividade proposta, utilizando-se da imaginação para se transportar para um mundo fantástico, interagindo com o cenário e os personagens da obra (Oliveira, 2021). Dessa forma, o uso de contos como prática pedagógica pode potencializar o ato criador nas crianças. Como afirmado por Vigotski “ensinar o ato criador da arte é

impossível; entretanto, isso não significa, em absoluto, que o educador não possa contribuir para a sua formação e manifestação” (Vigotski, 1999a, p. 325).

Percebe-se, a partir do levantamento realizado, que os contos estão presentes em práticas pedagógicas na educação infantil, e que podem ser utilizados para a promoção do desenvolvimento tanto das crianças, quanto dos educadores. Destacamos que, as atividades desenvolvidas no contexto de educação infantil necessitam, além dos conhecimentos advindos da pedagogia, do entendimento dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem que se formam nos primeiros anos de vida. Para isso, defendemos o papel do psicólogo escolar em parceria com os educadores, ao resgatar os conhecimentos da psicologia e assessorar as práticas pedagógicas no contexto da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Você está crescendo e logo vai ver que a vida não é um conto de fadas”

O Labirinto do Fauno
Guillermo del Toro e Cornelia Funke (2019, p. 221)

E viveram felizes para sempre? Assim como o “Era uma vez”, essa frase é um indicador do momento temporal em que se encontra a história, e normalmente é antecedida pela resolução do problema apresentado no clímax do conto. Ela sinaliza o desfecho da trajetória do personagem, que alcança a felicidade eterna. Contudo, isso não corresponde à realidade vivida pelas pessoas no mundo fora dos contos. Apesar da frase “...e viveram felizes para sempre” ser característico dos contos e representar um marco para o desenrolar da história, cabe ao contador e ao ouvinte a escolha de colocar ou não um ponto final na narrativa. Assim sendo, estas considerações acerca do presente trabalho não podem ser vistas como um ponto final, mas como uma história que pode vir a ter outros desdobramentos. Nesse sentido, precisamos retomar aspectos importantes sobre o estudo aqui realizado.

Os contos infantis são um gênero literário voltado para crianças, que mobilizam os processos imaginativos, emocionais e cognitivos, e que são considerados, pela Psicologia Histórico-Cultural, como instrumentos culturais capazes de inseri-las em um contexto social mais amplo, tendo em vista que, apesar de seu caráter fantástico, são formados a partir de uma base na realidade concreta. Historicamente, os contos infantis foram apresentados às crianças ora objetivando o ensino da moral, ora como forma de explicar fatos da vida real, ou ainda apenas como uma atividade recreativa. No entanto, nos seus escritos em “Psicologia da Arte (1999), ‘Educação Estética’ (2010) e ‘Imaginação e Criação na Infância’ (2018b), Vigotski conduz o leitor à ideia de que os contos infantis possuem um papel muito mais importante no

psiquismo infantil, pois promovem o desenvolvimento da imaginação, assim como das demais funções psicológicas a ela relacionadas.

Dessa forma, este trabalho objetivou investigar se, e como, os contos estão sendo utilizados para a promoção do desenvolvimento na Educação Infantil. Para isso, foi realizado um levantamento em bases de dados científicas nacionais a fim de investigar publicações que relatassem práticas pedagógicas com os contos na educação infantil. Os resultados desse levantamento evidenciaram que a utilização de contos na educação infantil é uma prática pedagógica recorrente nas pesquisas encontradas.

Os procedimentos relatados para essa utilização vão desde a investigação do contexto e dos recursos disponíveis, passando pelo planejamento de como será a contação e de qual conto escolher, etapa que pode envolver as crianças, seguido pelo momento da contação, quando se pode utilizar outros recursos artísticos paralelamente à leitura, e, por fim, a discussão coletiva mediada pela educadora. Ao utilizar mais de uma materialidade artística enquanto se faz a contação, como a música, os fantoches, imagens, entre outros, evidencia-se uma maior participação das crianças com a atividade, o que potencializa a relação professor-aluno e afeta positivamente a interação entre pares. Esses recursos devem, no entanto, ser pensados com intencionalidade e objetivando a promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento. Também foi observado pelos relatos do levantamento que, para além dos contos tradicionais, pode-se resgatar outras versões mais atuais desse gênero, seja com outras histórias, ou releituras dos clássicos.

De modo geral, todas as publicações relataram a importância do papel mediador do educador durante a contação de histórias, e alguns enfatizaram a relevância de uma formação docente contínua, para a atualização e ressignificação de práticas cristalizadas, visando proporcionar às crianças uma maior diversidade de experiências e vivências estéticas. Nesse sentido, o psicólogo escolar pode colaborar com ações e projetos de formação continuada, ao

criar espaços de diálogo e reflexão acerca dos sentidos e significados as(os) docentes atribuem à sua prática, de forma a possibilitar a circulação de falas, a expressão de emoções e a resignificação de concepções sobre a criança, o valor das interações sociais, da brincadeira e da arte no desenvolvimento infantil.

Por meio da análise do levantamento referente ao uso de contos na educação infantil, pôde-se observar a importância desse recurso nesse contexto, atestada inclusive na fala dos educadores entrevistados. Também foi possível compreender, a partir da análise dos resultados das publicações, que modo os contos podem ser um potente instrumento para a promoção do desenvolvimento infantil dado que promovem o desenvolvimento de processos psicológicos superiores, como a imaginação, a linguagem, o pensamento, e a emoção. Além disso, possibilitam a troca de afetos entre o educador, a criança e seus pares, favorece a interação social, aproxima a criança do arcabouço cultural produzido pela humanidade historicamente, amplia suas experiências, e promove aprendizagem.

Outro ponto a ser destacado a partir do segundo levantamento que fundamentou este estudo é a defesa dos autores dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski para a realização de intervenções dos psicólogos escolares voltadas aos diversos contextos educacionais, utilizando elementos estéticos em suas ações. para promover desenvolvimento e aprendizagem. Embora essas pesquisas não tenham ocorrido em contexto de educação infantil, as ações relatadas utilizavam diferentes expressões artísticas, tais como músicas, imagens, contação de histórias, dança, entre outras. Nesses estudos evidenciou-se o papel de elementos estéticos, seu efeito catártico, de mobilização dos espectadores, promoção de reelaboração de sentidos e a criação do ‘novo’, principal característica do processo de desenvolvimento (Vigotski, 2018).

Contudo, a partir da análise do levantamento sobre o uso dos contos na educação infantil, observou-se que, mesmo as publicações referenciadas na psicologia, não fazem

menção ao uso de contos pela(o) psicóloga(o) escolar na educação infantil. É importante lembrar que esse fato pode estar relacionado ao real espaço do psicólogo na educação brasileira pois sua presença ainda não é uma realidade nacional, com algumas exceções. A presença efetiva desse profissional em instituições de Educação Infantil pode favorecer a proposição de ações que integrem e mediem o uso da arte nas atividades pedagógicas cotidianas. Além disso, considera-se relevante que um futuro estudo amplie os tipos de produção científicas para obter um quadro mais amplo e aprofundado sobre o tema aqui exposto, incluindo relatos de experiência publicadas em livros e estudos internacionais, Anais e Fóruns científicos, dentre outros, o que possivelmente resultaria em mais achados com essa temática. Entendemos que é importante, para uma visão ampliada da utilização dos contos infantis, estudos que realizem o acompanhamento dos educadores na prática da contação e proponham intervenções de forma a potencializar as práticas pedagógicas, as relações no contexto escolar e os processos de desenvolvimento.

Diante do exposto, reafirma-se a importância da utilização da arte nos espaços de educação infantil, e a ação mediadora da(o) psicóloga(o) escolar junto ao coletivo de atores escolares, de forma a incluir o corpo docente, a equipe escolar, gestão, e família, e promover a ampliação de conhecimentos acerca dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Enfatiza-se, neste trabalho, a importância do uso dos contos na Educação Infantil, para ampliar as experiências da criança, criar espaços que oportunizem os processos imaginativos, criativos e emocionais e, assim, promover o desenvolvimento da criança e do educador.

A partir das reflexões advindas deste trabalho, foi elaborado um livreto acerca da importância dos contos na educação infantil e para o desenvolvimento de funções psicológicas, com destaque nos seus impactos no processo de aprendizagem, desenvolvimento e na relação professor-criança. Afirma-se que a produção deste material pode contribuir para estabelecer

diálogos e criar espaços de assessoria a professores de educação infantil, visando potencializar os momentos das crianças nesse espaço e promover desenvolvimento humano de ambos os sujeitos da relação pedagógica.

Ademais, esta derivação visa contribuir para a prática profissional na educação infantil, através da apresentação e discussão das propostas teórico-metodológicas presentes nos levantamentos, nas quais utilizam-se os Contos para a promoção do desenvolvimento. Do mesmo modo, pretende-se apresentar as possibilidades de intervenção do psicólogo na assessoria e acompanhamento do trabalho docente, com vistas a favorecer processos de desenvolvimento e aprendizagem nesse contexto.

REFERÊNCIAS

- Alexandrino, V. P., Braz-Aquino, F. S. B. (2018). Análise das concepções de profissionais da educação sobre o desenvolvimento infantil: um estudo em creches de uma cidade da Paraíba - Brasil. *Revista Portuguesa de Educação*, 31(2), 85-99.
- Alexandrino, V. P., Braz-Aquino, F. S. B. (2019). Habilidade de comunicação intencional de bebês: concepções de profissionais da educação infantil. *Rev. Psicologia em Pesquisa*, 13(2), 169-190.
- Alexandrino, V. P. (2021). *Psicologia histórico-cultural, arte e desenvolvimento humano: contribuições para prática de profissionais da educação infantil* (Unpublished doctoral dissertation). Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, PB.
- Albuquerque, J. A.; Braz-Aquino, F. S. (2018). Psicologia escolar e relação família-escola: um levantamento da literatura. *Rev. Psico-USF*, 23(2), 307-318. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230210>.
- Andrada, P. C., Petroni, A. P., Jesus, J. S. & Souza, V. L. T. (2018). A dimensão psicossocial na formação do psicólogo escolar crítico. Livro *Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas*.

- Andrada, P. C., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P. & Souza (2019). Atuação de psicólogas(os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. *Rev. Psicologia: ciência e profissão*, 39(1).
- Barroco, S. M. S., Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Rev. Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 22-31.
- Braga, C. A. F. [Braguinha] (1960). *Pela Estrada A Fora*. In: Coleção Disquinho [CD]. São Paulo: Gravadora Continental.
- Brasil (2006). *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à Educação*. Ministério da Educação.
- Brasil (2010). *Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil*. Ministério da Educação.
- Brasil (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação.
- Braz Aquino, Nascimento, Almeida e Alexandrino (2018). *Psicologia escolar na educação infantil: proposições teóricas e metodológicas para a atuação profissional*. In: Souza, V. L. T., Braz Aquino, F. S., Guzzo, R. S. L. & Marinho-Araújo, C. M. (Orgs.) *Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas*. Campinas, SP: Editora Alínea.

Braz Aquino, Bezerra, Vicente, Nascimento e Silva (2018). Formação continuada de Psicólogas escolares da rede pública de ensino: compromisso com práticas transformadoras. In: Souza, V. L. T., Braz-Aquino, F. S., Guzzo, R. S. L. & Marinho-Araújo, C. M. (Orgs.) Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas. Campinas, SP: Editora Alínea.

Capes (2020). GeoCapes – Sistema de Informações Georreferenciadas: plataforma de acesso aberto. Brasília: Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Ministério da Educação.

Capucci, Silva (2017). Quando vida e arte se encontram: um diálogo entre Vigotski e Stanislavski. *Rev. Psicol. estud.*, 22(3), 409-420.

Cavalcante, L. A. (2019). Formação continuada em Psicologia Escolar: (re)configurando sentidos na prática profissional. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF.

Cavalcante, L. A. e Marinho-Araújo, C. M. (2020). Potencialidades da mediação estética para a formação continuada de psicólogos escolares. In: Marinho-Araújo, C. M. & Teixeira, A. M. B. (Orgs.) Práticas exitosas em Psicologia Escolar Crítica. Campinas, v. 1, SP: Alínea.

Costa, J; Yamamoto, O. H. (2015). Produção científica em Psicologia nos cursos de graduação de psicólogos. *Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(1), 20-36.

- Cruz, M. G. (2013). Teoria histórico-cultural e o ensino da arte: em defesa do desenvolvimento humano. (Dissertação de Mestrado). Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual do Maringá, PR.
- Dias, D. P. (2017). O trabalho com literatura no primeiro ano do ensino fundamental: modos de participação das crianças na elaboração do sentido estético. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Faria, P. M. F.; Dias, M. S. L.; Camargo, D. (2019). Arte e Catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71(3). doi: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i3p.152-165>.
- Friedrich, J. (2011). Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Uma leitura filosófica e epistemológica. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Funke, C.; del Toro, G. (2019). O labirinto do Fauno. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Galdini, V., & Aguiar, W. M. J. (2003). Intervenção junto a professores da rede pública: potencializando a produção de novos sentidos. Psicologia escolar: práticas críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 87 – 104.
- Gomes, L. S.; Silva, C, Y, G. (2019). Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar. Rev. Psicologia da Educação, 49, 99-115. doi: 10.5935/2175-3520.20190023.

González-Rey, F. L. (2011). *Pesquisa Qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

González-Rey, F. L. (2018). Vygotsky's "The Psychology of Art": a foundational and still unexplored text. *Rev. Estudos de Psicologia*, 35(4), 339-350. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400002>.

Grimm, J. L. K.; Grimm, W. K. (1812). *Kinder-und Hawsmärchen*. Alemanha: Randon House.

Guzzo, Moreira e Mezzalira (2016). Desafios para o cotidiano do psicólogo dentro da escola. In.: Dazzani, M. V. M. & Souza, V. L. T. de. (Orgs.). *Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais*. Campinas, SP: Editora Alínea.

Guzzo, R. S. L.; Mezzalira, A. S. C.; Weber, M. A. L.; Sant'Ana, I. M.; Silva, S. S. G. T. (2018). *Psicologia Escolar e Família: importância da proximidade e do diálogo*. In: Souza, V. L. T., Braz-Aquino, F. S., Guzzo, R. S. L. & Marinho-Araújo, C. M. (Orgs.). *Psicologia escolar crítica: atuações emancipatórias nas escolas públicas*. Campinas: Alínea.

Jacobs, J. (1892). *Celtic Fairy Tales*. Londres: Folk-Lore.

Jesus, J. S. (2015). *Sala de recuperação como espaço de desenvolvimento: contribuições da psicologia escolar*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Jesus, J. S. (2020). As histórias que contamos de nós: mobilizando a imaginação e as emoções de estudantes do Ensino Fundamental II. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Kandinsky, W. (1996). Do espiritual na arte e na pintura em particular. São Paulo: Martins Fontes.

Lucifora, C. A. (2017). A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, SP.

Maia, A. C. B.; Leite, L. P.; Maia, A. F. (2011). O emprego da literatura infantil na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola. Rev. Psicopedagogia, 28(86), 144-55.

Maia, A. S. D. (2017). Um diálogo entre a psicologia e a arte: as interferências e contribuições da arte na produção de subjetividade em contexto escolar. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ.

Marinho- Araújo, C. M. (2014). Intervenção Institucional: Ampliação crítica e política da atuação em Psicologia Escolar. In.: Guzzo, R. S. L. (Org.) Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública. Campinas, SP: Editora Alínea.

- Martins, N. (2018). De chapeuzinho vermelho à formação de leitores: olhares infantis. (Dissertação de Mestrado). Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, PR.
- Marx, K.; Engels, F. (2007). A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo.
- Mendes, M. B. T. (1999). Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp.
- Merege, A. L. (2010). Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno. São Paulo: Claridade.
- Nascimento, A. C. S. (2019). Representações sociais dos contos de fadas: uma visão de professores sobre a Bela Adormecida. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – UnB, DF.
- Neves, M. M. B. J. (2011). Queixas escolares: conceituação, discussão e modelo de atuação. In: C. M. Marinho-Araújo, Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras. (pp. 175-214). Campinas: Átomo e Alínea.
- Neves, M. A. P. (2015). Psicologia Escolar e Música: mobilizando afetos e promovendo vivências na classe de recuperação. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

- Neves, M. A. P. (2020). Imaginando, pensando, agindo: movimentos de significação de adolescentes mediados pela arte. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Oliveira, M. K. (2005). Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione.
- Oliveira, K. R. S., Braz-Aquino, F. S., Salomão, N. M. R., Melo, C. R. F. (2015). O brincar nos primeiros três anos de vida: um estudo em contexto de creche. *Psicologia em Revista*, 21(1), 15-36.
- Oliveira, B. C. (2018). Psicólogos escolares e professores: a parceria como mediação de práticas educativas críticas. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Oliveira, M. C. (2021). Manifestações de emoções de estudantes do Ensino Fundamental II: refletindo sobre práticas do psicólogo escolar. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Pastre, C. A. S. (2018). Teoria Histórico-Cultural e literatura para crianças: possibilidades de desenvolvimento humano na educação infantil. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maringá, PR.

Petroni, A. P. (2013). *Psicologia Escolar e arte: possibilidades e limites da atuação do psicólogo na promoção da ampliação da consciência de gestores*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Pizzani, L., Silva, R. C., Bello, S. F., Hayashi, M. C. P. I. (2012). A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *Rev. Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 10(1), 53-66.

Prestes, Tunes, Pederiva, Terci (2018). A emergência da reação estética da criança na atividade musical. *Rev. Fractal: Revista de Psicologia*, 30(1), 46-57.

Ramos, V. R. L. (2020). *Docência, sofrimento e potência de ação: o drama de ensinar no ensino médio público pelo olhar da psicologia*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Reis, L. M. (2004). *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense.

Reis, E. C. G. (2019). *Um rosto que contém várias faces: refletindo sobre a vida atual e futura com adolescentes do ensino médio público noturno*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Rego, T. C. (2013). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- Saccomani, M. C. S. (2016). A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski. Campinas: Autores Associados.
- Schlindwein, L. M. (2015). As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. Cad. Cedes, 35, 419-433.
- Silva, S. M. C., Pedro, L. G., Silva, D., Rezende, D., Barbosa, L. M. (2013). Atuação de Psicólogas(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas. Rev. Psicologia: Ciência e Profissão, 33 (4), 1014-1027.
- Silva, K. O. e Vieira, D. C. S. C. (2017). Emoção e imaginação: a experiência estética de crianças em atividade com o conto de fadas. Curitiba, PR: Editora CRV.
- Silva, A. R. (2018). Criatividade e processos de criação em arte no ensino fundamental: uma análise histórico-cultural. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO.
- Sodré, L. (2017). Contação de histórias e dialogia na educação infantil: uma experiência educativa. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, SP.
- Souza, V. L. T. (2016). Arte, imaginação e desenvolvimento humano. In.: Dazzani, M. V. M. & Souza, V. L. T. de. (Orgs.). Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais. Campinas, SP: Editora Alínea.

- Souza, V. L. T.; Petroni, A. P.; Andrada, P. C. (2016). A Psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: intervenções em contextos educativos diversos. São Paulo: Edições Loyola.
- Souza, V. L. T.; Arinelli, G. S. (2019). A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Rev. De Didat. e Psic. Pedag*, 3(1), 1-22. doi: <https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51560>.
- Teixeira, D. M. (2017). Psicologia escolar e arte em uma instituição socioeducativa: possibilidades de interlocução. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, MG.
- Thiollent, M. (2011). Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Editora Cortez.
- UNESCO (2021). Relatório de Ciências da Unesco: a corrida contra o tempo por um desenvolvimento mais inteligente. Schneegans, S.; Lewis, J.; Straza, T. (Eds.). Paris: UNESCO Publishing.
- Van der Veer, R.; Valsiner, J. (2014). Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Edições Loyola.
- Vicente, A. C., Silva, N. S., & Braz-Aquino, F. S. (2020). Psicologia escolar no contexto da educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural para o trabalho com professores de berçários. In: Marinho-Araújo, C. M. & Teixeira, A. M. B. (Orgs.) *Práticas exitosas em Psicologia Escolar Crítica*. Campinas, v. 2, SP: Alínea.

Vigotski, L. S. (1928). Problema kul1turnogo razvitija rebenka. Pedologija, 1, 58-77.

Vigotski, L. S. (1999a). Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (1999b). O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L.S. (2001). Obras Escogidas II. Problemas de Psicologia Geral (2ªed. pp.9-348) Madrid: Visor y A.Machado Libros (Original publicado em 1934).

Vigotski, L. S. (2007). A formação social da mente. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1984).

Vigotski, L. S. (2010). Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2018a). Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia. Rio de Janeiro: E-papers.

Vigotski, L. S. (2018b). Imaginação e criação na infância. São Paulo: Expressão Popular.

Vigotski, L. S. (2021a). O problema do desenvolvimento cultural da criança. Livro Psicologia, educação e desenvolvimento. p. 75-101 (Original publicado em 1928).

Vigotski, L. S. (2021b). Problemas da Defectologia. São Paulo: Expressão Popular.

Wedekin, L. M.; Zanella, A. V. (2013). Arte e vida em Vigotski e o modernismo russo. *Rev. Psicologia em Estudo*, 18(4), 689-699.

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.

ANEXOS

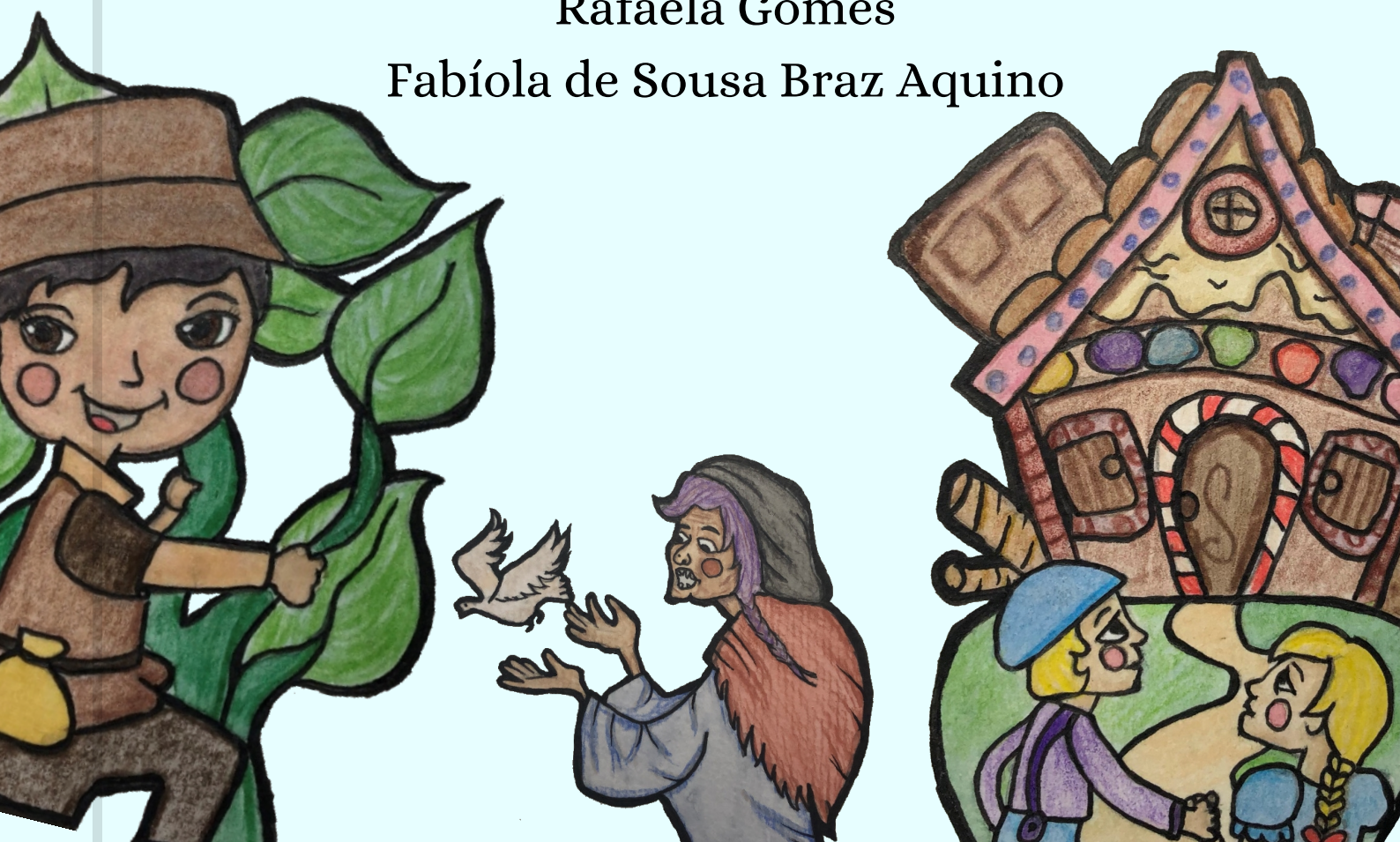
ANEXO I - Livreto

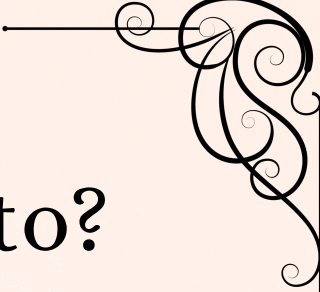


A importância dos Contos na Educação Infantil

Rafaela Gomes

Fabíola de Sousa Braz Aquino



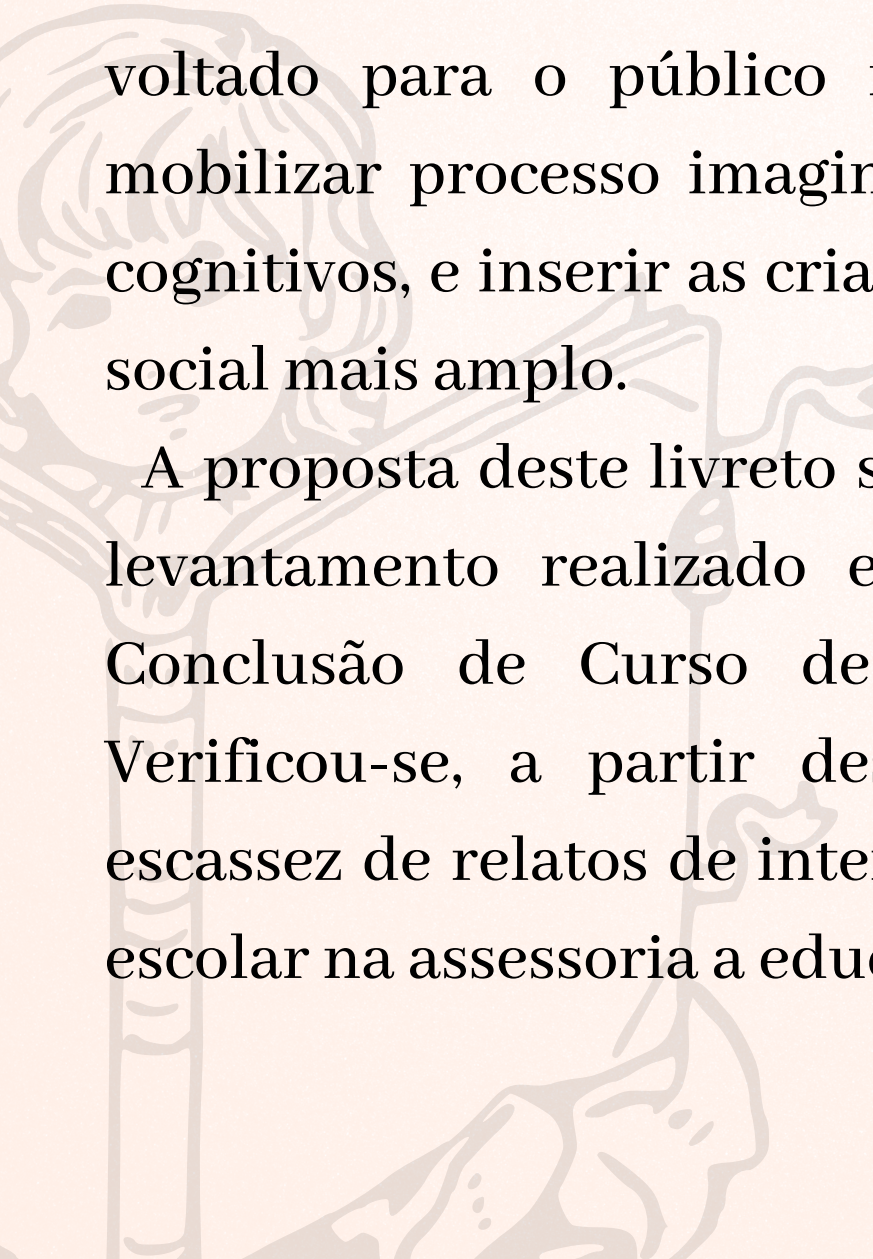


Sobre o que é este livreto?

Neste livreto, daremos ênfase às práticas pedagógicas na educação infantil, explorando particularmente a utilização de contos para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Os contos infantis são um gênero literário voltado para o público infantil, que podem mobilizar processo imaginativos, emocionais e cognitivos, e inserir as crianças em um contexto social mais amplo.

A proposta deste livreto se deu a partir de um levantamento realizado em um Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia (UFPB). Verificou-se, a partir deste levantamento, a escassez de relatos de intervenção do psicólogo escolar na assessoria a educadores, que utilizam



os contos infantis nas atividades pedagógicas.

Diante deste resultado, apresenta-se uma proposta de possibilidades de atuação do psicólogo escolar junto a educadores infantis, utilizando os contos como uma ferramenta mediadora.

Defendemos como relevante a mediação do psicólogo escolar nesse processo, com a proposição de momentos de discussão e planejamento que incluam a arte, de forma intencional, nas práticas pedagógicas.

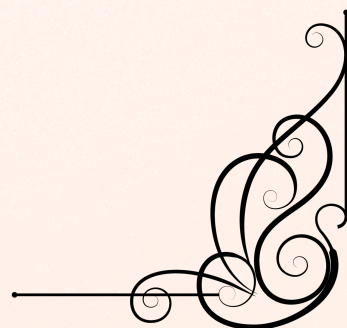
O marco teórico que fundamenta este material é a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e autores contemporâneos.





Portanto, este livreto se destina tanto aos psicólogos escolares, quanto aos educadores que possuem interesse na utilização deste recurso em suas práticas, considerando seu impacto mobilizador de funções psicológicas superiores, tipicamente do gênero humano.

Rafaela Aparecida Gomes
Fabiola de Sousa Braz Aquino





umário

Contos infantis: definições e características	6
O conto infantil na perspectiva histórico-cultural	9
O papel dos contos no desenvolvimento infantil	10
Os Contos na prática do professor de Educação Infantil	12
Possibilidades de intervenção com Contos Infantis: a parceria do educador com o Psicólogo Escolar	16
Memórias e fragmentos de contos infantis: pesquisadores do NEISDI	21
Continua...	29



Contos Infantis: definições e características



O conto é um gênero literário direcionado ao público infantil, originalmente transmitido de forma oral por povos antigos, que contavam histórias em noite de lua em volta da fogueira (Reis, 2004). Ele é considerado, portanto, um produto cultural desses povos, pois reflete suas crenças, valores e costumes.

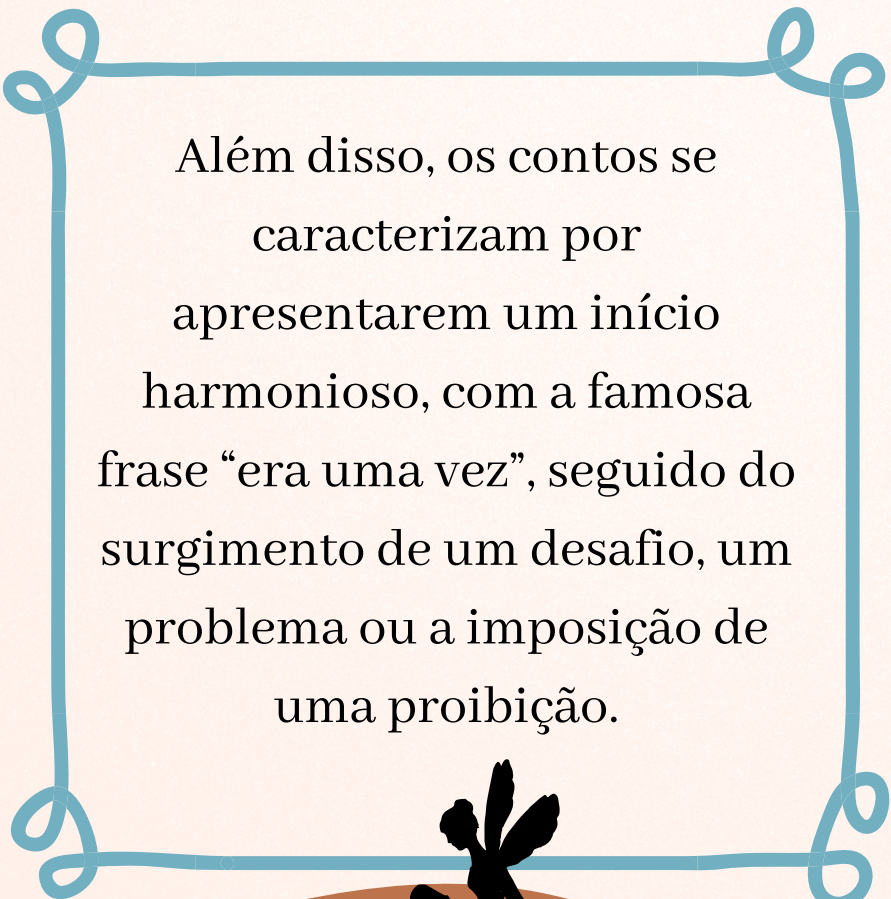


Com o surgimento do alfabeto, essas narrativas passaram a ser organizadas e registradas em livros infantis. Apesar de serem frequentemente confundidos com outros gêneros literários, os contos possuem uma estrutura e características próprias.



Como saber se eu estou trabalhando com Contos Infantis?

Os contos infantis são histórias curtas em formato de prosa, cuja linguagem utilizada é muito próxima da linguagem informal e da fala infantil, justamente por serem transmitidas inicialmente de forma oral e para facilitar o entendimento de quem os ouvia (Reis, 2004).



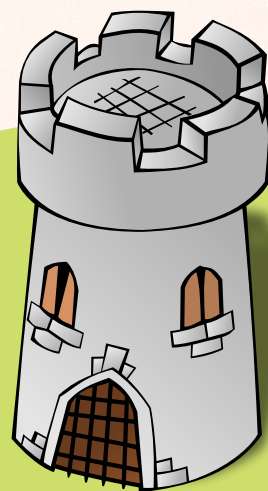
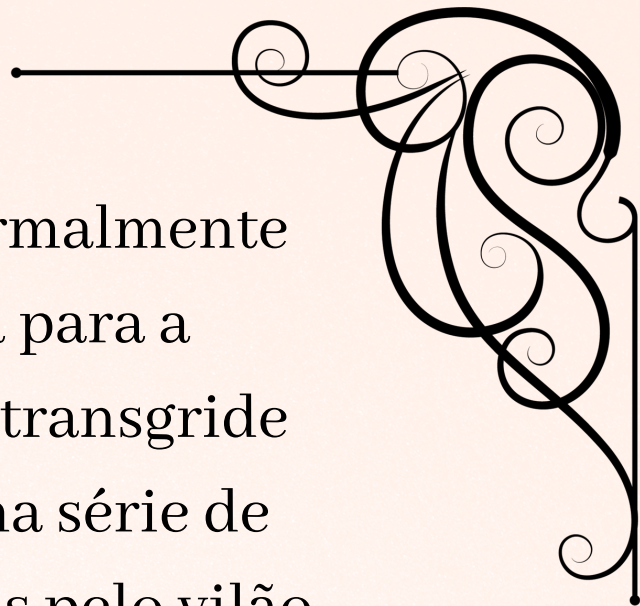
Além disso, os contos se caracterizam por apresentarem um início harmonioso, com a famosa frase “era uma vez”, seguido do surgimento de um desafio, um problema ou a imposição de uma proibição.



O personagem principal normalmente empreende uma jornada para a resolução desse conflito, ou transgride essa proibição, que gera uma série de consequências, representadas pelo vilão da história. No clímax, o protagonista derrota o malfeitor e encontra a felicidade eterna, encerrando sua trajetória com a famosa frase: “e viveram felizes para sempre” (Mendes, 1999).

Um lembrete importante:

Vigotski (2010) alerta que o uso dos contos para fins de ensinamento moral pode prejudicar o psiquismo e os comportamentos da criança





O conto infantil na perspectiva histórico-cultural



Para a Psicologia Histórico-Cultural, o conto possibilita à criança vivenciar processos imaginativos, emocionais e fantasiosos (Silva & Vieira, 2017).

Vigotski (2010) afirma que os contos são considerados uma forma de arte infantil, que auxilia a criança na vivência e expressão de emoções saudáveis e no desenvolvimento de seu psiquismo. Contudo, adverte para a recorrente utilização dessas narrativas para criar comportamentos moralmente desejáveis na criança, através do medo e com elementos fantásticos nocivos, como o ‘bicho papão’, o ‘velho do saco’, entre outros. Segundo afirma, essa conduta, quando adotada por educadores e demais adultos, acaba por gerar mais danos do que benefícios à criança.



O papel dos contos no desenvolvimento infantil

O desenvolvimento, segundo a psicologia histórico-cultural, se dá através do nosso contato com a cultura, produto da humanidade.

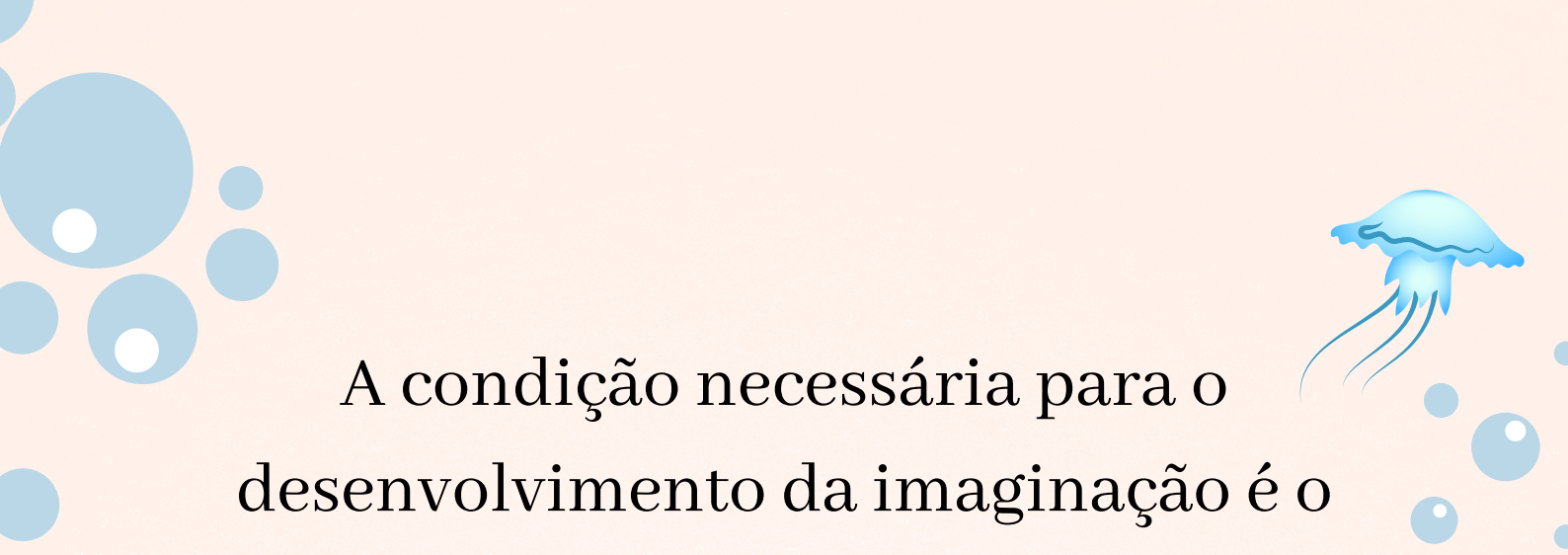
Esse contato é proporcionado por meio de um processo dialético de interações sociais.

(Van der Veer & Valsiner, 2014)

Pela relação mediada com a cultura, desenvolvemos características e funções especificamente humanas, como a fala, o pensamento, a emoção e a imaginação.

O desenvolvimento da imaginação é considerado necessário para quase toda atividade humana (Vigotski, 2018).





A condição necessária para o desenvolvimento da imaginação é o contato com experiências qualitativamente significativas e variadas.

Para Vigotski (2010), a arte permite essa aproximação da criança com a experiência social e estética acumulada pela humanidade.

E por que falar em arte e contos na Educação Infantil?



Os contos na prática do professor da educação infantil

Para Vigotski (2010), a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento humano ao possibilitar às crianças o contato e a interação com as mais diversas manifestações artísticas , incluindo os contos.

Esse contato deve ser mediado pelo educador, de forma a ampliar o repertório de experiências das crianças (Barroco & Superti, 2014).



As práticas pedagógicas na educação infantil devem favorecer a relação entre o lúdico e o desenvolvimento psíquico da criança, através da ampliação de experiências durante a brincadeira, leitura, interação com materiais diversos, entre outros, como declarado em documentos oficiais brasileiros que norteiam as ações nesse contexto. Essa ampliação de experiências proporciona à criança bases sólidas para a sua atividade criadora (Vigotski, 2018).



Dessa forma, os contos são uma importante ferramenta para o trabalho do educador, já que são considerados um artefato cultural e histórico que possibilita o acesso da criança à dimensão cultural criada pela humanidade (Lucifora, 2017).



Através do elemento fantástico presente nos contos, a criança pode expressar sentidos e emoções vivenciadas, entender situações reais de seu cotidiano, expressar afetos na relação com o educador e, por meio dos processos imaginativos, se desenvolver.



Possibilidades de Intervenção com contos infantis:

parceria do educador com o psicólogo escolar

O diálogo estabelecido entre a psicologia e a pedagogia, por meio de uma parceria entre os educadores e o psicólogo escolar, pode favorecer a construção de práticas que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem.

(Oliveira, 2018).

Com base nessa afirmação,
apresentamos algumas propostas
de atuação conjunta, utilizando
os contos na educação infantil



Em primeiro lugar é essencial que, tanto as educadoras, quanto o psicólogo escolar, conheçam os sujeitos e o contexto para o qual estão planejando as ações. Por isso é importante:

- ➡ Verificar se a instituição possui biblioteca e realizar um levantamento dos livros disponíveis;
- ➡ Refletir sobre quais recursos, além dos contos podem ser utilizados (figuras projetadas na lousa, músicas tocadas em aparelhos eletrônicos, fantoches, cartazes);
- ➡ Ouvir as crianças sobre quais contos elas gostariam de ouvir, qual o personagem que mais gostaram, que final elas imaginam para a história;



Esse diálogo, além de favorecer a interação, promove o desenvolvimento da relação pensamento-fala e potencializa os processos imaginativos.

Ao possibilitar o contato físico das crianças com os Contos Infantis, promovemos tanto o desenvolvimento da imaginação, quanto o contato com as letras, palavras e imagens, o que aproxima a criança das formas de linguagem e do pensamento, favorecendo da melhor forma a interrelação entre as funções psicológicas superiores.

- ➡ Esse contato deve ser intermediado pelo educador, que pode utilizar outras manifestações artísticas como recurso paralelamente à contação, como fantoches, músicas e ilustrações;
- ➡ Além disso, a entonação da voz e os gestos, exemplificando as ações que acontecem na história, podem auxiliar nos processos atencionais das crianças e favorecer o entendimento do que está sendo narrado.

Estas ações potencializam a participação das crianças na atividade e sua interação com a educadora e com seus pares



E o Psicólogo Escolar?

O psicólogo escolar pode propor ações em parceria com os educadores, a fim de assessorar as práticas pedagógicas no contexto da Educação Infantil.

Essas ações envolvem:

➔ Observar e acompanhar as atividades de contação que o educador desenvolve com a turma;

➔ Criar espaços de diálogo com o educador sobre a potência dos contos no desenvolvimento infantil;





Prestar assessoria ao educador no planejamento da contação, considerando os aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem de crianças na educação infantil:



Como será escolhido o conto e porquê

Que recursos podem ser utilizados durante a contação

De que forma as crianças podem participar da contação

Quais estratégias podem ser utilizadas para adaptar a contação de histórias para crianças com alguma necessidade educacional específica



Criar espaços de diálogo com o educador e com as crianças acerca das atividades desenvolvidas.

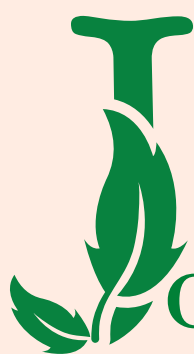


É muito importante entender que as ações de acompanhamento e assessoria são preventivas e devem ser contínuas



Memórias e fragmentos de Contos Infantis

Pesquisadores do NEISDI



João e o pé de feijão

*"Com estas sementes de feijão jamais
passarão fome"*

"Me lembro de conhecer esse conto ainda muito pequeno, através de uma pequena coleção de contos que ganhei de presente. Passava grande parte do dia lendo a coleção, e repetidamente, esse em específico. Lembro-me de me sentir muito curioso durante toda a história em pensar o que teria acima das nuvens que o pé de feijão alcançou, às vezes, mesmo já sabendo o que iria acontecer, preferia dar uma pausa na leitura e deixar para terminar no próximo dia, só para não terminar logo a história.

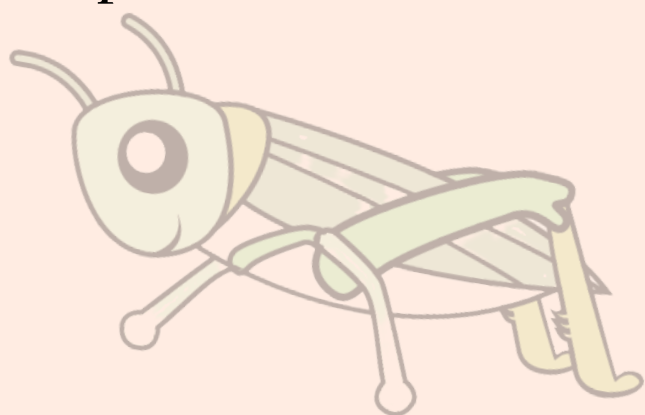
Além disso, imaginar como seriam os rostos de cada personagem, suas vozes, o barulho das cenas, e até mesmo os cheiros descritos no conto me deixava imerso. Gostava tanto desse conto que certo dia, ainda criança, joguei feijões no quintal de casa e fui dormir, na esperança de que alguma coisa mágica acontecesse. Acordei olhando pela janela, procurando algum indício de que alguma planta gigante tivesse aparecido no meu quintal, o que por certo, não aconteceu, mas, mesmo sabendo que seria muito difícil, foi legal viver esses momentos de acreditar que seria possível. Já adolescente, conheci, por acaso, um álbum em que uma das músicas leva o nome do conto, e sempre que escuto, me lembro do quanto gostava de lê-lo quando criança...acabou se tornando minha favorita do álbum."

Glaysdon Elder Freitas

Pinóquio

"Sempre deixe a consciência ser seu guia"

"Ao ser requisitada a falar sobre um conto infantil marcante, minha primeira lembrança foi Pinóquio. Lembro que os contos eram trazidos em livros de português, mas minha memória mais viva e que me afetava desse conto foi a partir da TV. Sempre me inquietava o fato de Pinóquio se meter em situações complicadas por não fazer o que era “certo” e por não querer ir para a escola. Eu acreditava que realmente a escola era a melhor escolha para Pinóquio. Que ele deveria deixar sua curiosidade de lado pois era perigoso já que acabava sempre caindo em ciladas.



Mas, não tinha na época a condição de refletir sobre o que a escola representava para o personagem e sobre o que minha inquietação refletia. No entanto, quando conheci o livro Pinóquio às avessas de Rubem Alves, tudo ficou claro para mim. Não que a ela não seja importante, mas a forma como tradicionalmente estava posta impedia que a aprendizagem fosse prazerosa, afastava a curiosidade e impedia a criatividade. Muitas outras reflexões essa reflexão apresentada por Rubem Alves me trouxe."

Luciene



Formiguinha e a neve

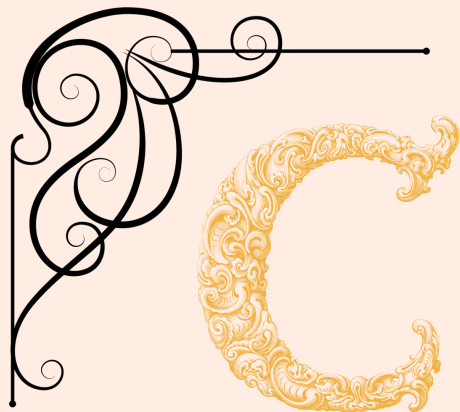
“Meu Deus, tu que és tão forte, que governas a morte, que mata o homem, que bate no cão, que persegue o gato, que come o rato, que rói o muro, que tapa o sol, que derrete a neve, desprende o meu pezinho...”

Uma das minhas memórias mais marcantes da infância é a do meu pai lendo para mim antes de eu dormir. Foi na época em que eu estava aprendendo a ler, então a gente ia revezando os trechos do livro durante a leitura, o que para mim era ainda mais divertido. O livro A formiguinha e a neve, fez parte da primeira coleção de 5 livros de contos que o meu pai me deu, por isso, lembro de que os guardava com muito cuidado.

Lembro também de gostar tanto da curta história da formiguinha porque me parecia um pouco “assunto de adulto”, já que ela mencionava coisas da natureza, Deus e a morte. Na primeira vez que o meu pai a leu para mim, passei dias pensando, porque naquela época me sentia pequenininha igual a formiga. Sou muito grata a esses momentos de leitura com ele, que fez o meu amor por livros crescer junto comigo.

Marina Tavares





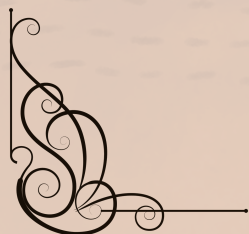
Cachinhos Dourados e os três ursos

" Os três ursos voltaram do passeio com fome.

- Alguém comeu o meu mingau! Rosnou o papai urso.*
- Alguém comeu o meu mingau! Falou a mamãe urso.*
- Alguém comeu o meu mingau! Disse o bebê urso, e completou: - É comeu tudo!"*

O conto infantil mais marcante da minha infância foi Cachinhos dourados e os três ursos, minha mãe leu pra mim muitas vezes, eu sempre gostei da história. A menina estava perdida e encontrou tudo o que precisava na casa dos ursos, que não ficaram chateados e a ajudaram a voltar pra casa, a casa dos três ursos parecia tão aconchegante que me dava sono, e eu gostava tanto da história que não queria ficar só vendo as figuras do livrinho, queria aprender a ler pra poder ler sozinha.

Anilayne Azevedo



Continua...



O objetivo deste livreto foi apresentar propostas de parceria entre o educador e o psicólogo escolar no contexto da educação infantil, utilizando recursos artísticos, tais como os contos infantis

O movimento de parceria pressupõe desses atores a abertura para discussão de propostas, ressignificação de concepções e o planejamento coletivo de ações voltadas ao desenvolvimento e à aprendizagem



Compreendemos que a discussão coletiva pode favorecer o surgimento de elementos que potencializem a prática profissional



Este livreto propõe um primeiro diálogo sobre os Contos na Educação Infantil. Amparadas na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, defendemos a importância desse conhecimento para educadores no contexto da educação infantil e as atividades que planejam para as crianças com as quais trabalham.

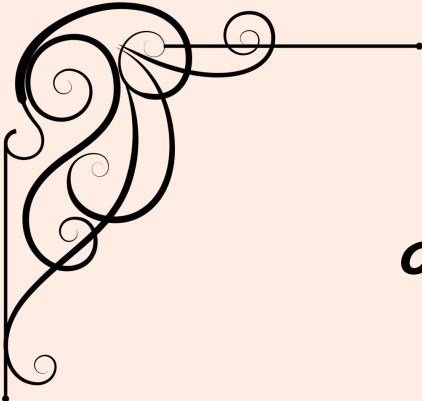


Segundo esse mesmo referencial teórico, a utilização dos Contos na Educação Infantil promove o desenvolvimento de processos imaginativos, sociocognitivos, linguísticos e emocionais, tanto na criança quanto no educador.

Por isso, reafirma-se que a utilização desse recurso nas práticas pedagógicas dos educadores, em parceria com o psicólogo, pode contribuir para o desenvolvimento global infantil

Como um primeiro trabalho sobre esse tema, realizado no Núcleo de Estudos em Interação Social e Desenvolvimento Infantil (UFPB), concebe-se esse material como um primeiro passo para posteriores desdobramentos em pesquisa e intervenção na interface Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Escolar e Educação Infantil.



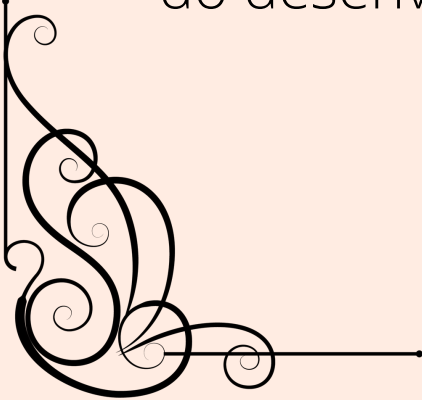


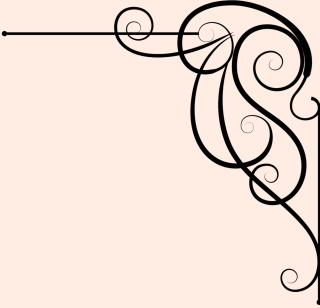
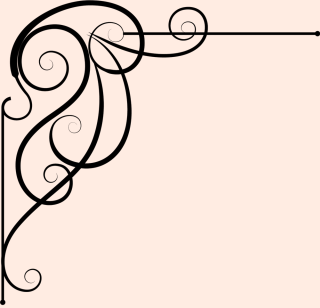
Agradecimentos

As autoras agradecem a parceria dos graduandos integrantes do Núcleo de Estudos em Interação Social e Desenvolvimento Infantil, por se disponibilizarem a relatar as lembranças de sua infância com relação aos contos.

Também fica o nosso agradecimento à psicóloga, artista e ilustradora dos contos que enriqueceram a estética desse material.

E, por fim, a todos os profissionais da educação infantil, principalmente professores e psicólogos, que se empenharam em ler este livreto e se dedicam diariamente à promoção do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.





eferências

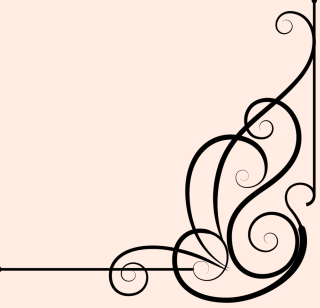
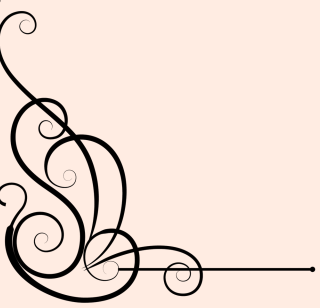
Barroco, S. M. S., Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Rev. Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 22-31.

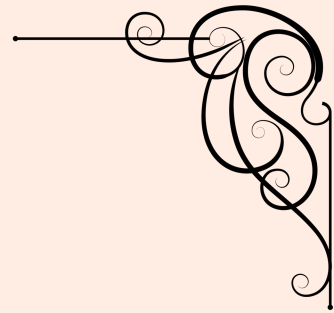
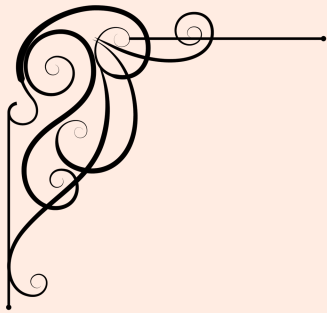
Lucifora, C. A. (2017). A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, SP.

Mendes, M. B. T. (1999). Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp.

Oliveira, B. C. (2018). Psicólogos escolares e professores: a parceria como mediação de práticas educativas críticas. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Reis, L. M. (2004). O que é conto. São Paulo: Brasiliense.



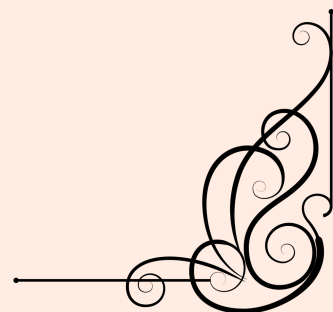
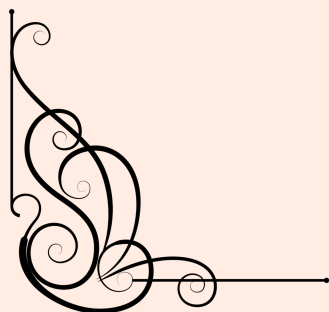


Silva, K. O. e Vieira, D. C. S. C. (2017). Emoção e imaginação: a experiência estética de crianças em atividade com o conto de fadas. Curitiba, PR: Editora CRV.

Van der Veer, R.; Valsiner, J. (2014). Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Edições Loyola.

Vigotski, L. S. (2010). Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2018b). Imaginação e criação na infância. São Paulo: Expressão Popular.



As Autoras



Rafaela Aparecida Gomes

Está concluindo o curso de psicologia pela UFPB, com ênfase em Psicologia Escolar. É membro do NEISDI.



Fabiola de Sousa Braz Aquino

É Professora Associada da UFPB e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social (UFPB). Pesquisadora do NEISDI e membro do GT de Psicologia Escolar da ANPEPP.

A Ilustradora dos Contos da Capa



Marina Tavares Sá

É psicóloga, formada pela UFPB, com ênfase em Psicologia Escolar. Também é membro do NEISDI.



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Núcleo de Estudos em Interação Social e
Desenvolvimento Infantil

